

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**

**ANA PAULA LACERDA GARCIA**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NUM PARADIGMA INOVADOR NO PROGRAMA DE  
APRENDIZAGEM PRODUTOS E ROTEIROS TURÍSTICOS**

CURITIBA

2007

**ANA PAULA LACERDA GARCIA**

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA NUM PARADIGMA INOVADOR NO PROGRAMA DE  
APRENDIZAGEM PRODUTOS E ROTEIROS TURÍSTICOS**

Dissertação apresentada à Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação, sob a orientação da Professora Doutora Marilda Aparecida Behrens.

CURITIBA

2007

Dedico este trabalho aos meus verdadeiros companheiros de viagem:

Rafael e Ana Luiza.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a professora Marilda Aparecida Behrens, orientadora e “companheira de vícios”, por ser uma fada madrinha tão dedicada, por suas inspiradoras aulas e pela insistência em não me deixar desistir.

Ao professor inspirador Lineu Bley, meu verdadeiro mestre na graduação, por prontamente aceitar participar da banca examinadora.

À minha amiga (e por acaso mãe), Geresa Lacerda, pela “genética docente” e pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida.

Ao professor Ricardo Tescarolo, que foi responsável por mudanças significativas em meus conceitos. Com sua “razão encharcada de amor”, teve o poder de transformar as aulas de Aprendizagem e Conhecimento em pura emoção.

À Heidi Sardá, minha sócia, com quem aprendi que posso contar sempre.

À Camila Larsen, ex-aluna e agora amiga. Companheira nas horas de sufoco, que pôde me mostrar que com alunos a gente mais aprende que ensina.

Às amigas inseparáveis: Elis Garcia e Dani Marcon, pelo reencontro.

Às amigas Trícia Sander e Elaine Schneider, pelo convívio enriquecedor e valiosos momentos de trabalho e diversão.

À sogra Irani Beatriz Pinto, por estar presente nas minhas ausências.

Ao amigo Gilson Duarte pelas palavras de apoio nos momentos de “nó na garganta”.

Aos meus colegas do Curso de Turismo e principalmente aos meus alunos, com quem muito aprendi nessa trajetória.

“O mundo é um livro. Quem não viaja só lê uma página”.  
(Santo Agostinho)

## RESUMO

O presente trabalho envolveu a proposição de uma prática pedagógica inovadora no programa de aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos, utilizando como instrumento a visita técnica na metodologia de ensino. Houve a opção pela pesquisa qualitativa, em forma de pesquisa participante para alcançar os objetivos propostos. O desenvolvimento desse trabalho envolveu alunos do sétimo período do curso de Turismo da PUC-PR, em viagem para Serra Gaúcha. A proposta de uma abordagem metodológica que atendeu um paradigma inovador levou a realizar uma visita técnica, na qual foram desenvolvidas algumas atividades para um melhor aproveitamento da disciplina por meio de uma experiência prática. Para a elaboração dessa dissertação foram consultados alguns autores que abordam os paradigmas da educação contemporânea como Morin (2003), Mizukami (1986), Moraes (1997), Behrens (1999), Freire (1992), Kuhn (1996), Capra (1996) entre outros. Autores como Trigo (1998), Rejowski (1996), Dencker (2002) e Barbosa (2002) contribuíram com os pressupostos teóricos do ensino do Turismo. As atividades propostas oportunizaram aos alunos a experiência de analisar como a teoria ministrada em sala de aula pode ser aplicada por intermédio de aula prática, vivenciando as situações propostas nos locais escolhidos. A metodologia inovadora acolheu a visita técnica que possibilitou ao aluno o conhecimento físico/espacial da região, tornando-se determinante na elaboração de um roteiro turístico de qualidade. O trabalho entre os alunos, favoreceu a organização da metodologia com a visita técnica de forma sistematizada, por meio de trabalho coletivo. Em decorrência dessa experiência, vários aspectos importantes da disciplina foram relacionados com o fenômeno turístico, culminando com vários debates entre professora e alunos, como a análise da região visitada e a apresentação do material coletado em forma de vídeos e fotografias. Importante salientar que a vivência também oportunizou aos alunos investigar como os fundamentos teóricos de vários programas de aprendizagem ministrados durante o curso foram importantes nessa prática. Elementos dos Programas de Aprendizagem de: Teoria Geral do Turismo, Agenciamento Turístico, Sistemas de Transportes, Meios de Hospedagem, Gastronomia, Lazer, Meio Ambiente, Planejamento e Organização do Turismo, Sociologia, História, Geografia, Eventos, Análise Econômica, Técnicas de Imagens, entre outras, foram abordados na prática pedagógica. Percebe-se que por meio dessa proposta, que a metodologia contemplou a visita técnica, oportunizando ao aluno uma experiência relevante de aprendizagem, contemplando uma análise do turismo de forma integrada e desenvolvendo o espírito crítico. Com o término dessa pesquisa, observa-se que é possível ter uma proposta pedagógica inovadora e diferenciada para o ensino de Turismo.

Palavras-chave: visita técnica, metodologia, turismo, aprendizagem.

## ABSTRACT

The present work involved the proposition of a contextualized innovative pedagogical practice in the subject of Tourist Products and Itineraries, using as the instrument of technical visiting as a teaching methodology. There was the option of qualitative research as a participative research in order to achieve the proposed objectives. The breeding of this work involved students of the seventh period of the course of Tourism from PUC-PR, traveling to Serra Gaúcha. The proposal of a methodological approach which attended to the innovative approach in which was done some activities in order to make the subject more productive in a practical experience. For the elaboration of this dissertation some authors were consulted which speak about the paradigms of the contemporary education such as Morin (2003), Mizukami (1986), Moraes (1997), Behrens (1999), Freire (1992), Kuhn (1996), Capra (1996) etc. Authors as Trigo (1998), Rejowski (1996), Dencker (2002) e Barbosa (2002) contributed to the presupposed writers of the Tourism education. The proposed activities gave the students the opportunity of the experience of analyzing how the theory given in classroom can be applied through practical classes, experiencing the proposed situations in the chosen locations. The technical visiting as a innovative methodology gave the student the possibility of the physical/spatial knowledgement of the location, becoming determining in the elaboration of a good-quality itinerary. The work among the students helped the organization of the technical visiting in a organized way, working in groups. In this experience many important aspects were related to tourism, creating several debates between the professor and the students, such as analyzing the location and the presentation of the collected materials, in videos and photos. It is important to say that the visit also gave the students the opportunity to investigate how the theory of many different subjects given in the course were important to this practice. Elements of the subjects of: Tourism General Theory, Travel Agency, Transportation, Accommodation Means, Gastronomy, Leisure, Ecology, Tourism Planning and Organization, Sociology, History, Geography, Events, Economical Analysis, Imaging Techniques, among others; were used in a interdisciplinary way in this approach. It is possible to say that the technical visiting as a methodology, give the opportunity an important learning experience, analyzing the tourism in a conjectured way and developing the critic spirit. Finalizing this research, it is possible to have a methodological innovative and different proposal on teaching Tourism.

Keywords: technical visiting, methodology, tourism, learning.

## RESUMO

O presente trabalho envolveu a proposição de uma prática pedagógica inovadora no programa de aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos, utilizando como instrumento a visita técnica na metodologia de ensino. Houve a opção pela pesquisa qualitativa, em forma de pesquisa participante para alcançar os objetivos propostos. O desenvolvimento desse trabalho envolveu alunos do sétimo período do curso de Turismo da PUC-PR, em viagem para Serra Gaúcha. A proposta de uma abordagem metodológica que atendeu um paradigma inovador levou a realizar uma visita técnica, na qual foram desenvolvidas algumas atividades para um melhor aproveitamento da disciplina por meio de uma experiência prática. Para a elaboração dessa dissertação foram consultados alguns autores que abordam os paradigmas da educação contemporânea como Morin (2003), Mizukami (1986), Moraes (1997), Behrens (1999), Freire (1992), Kuhn (1996), Capra (1996) entre outros. Autores como Trigo (1998), Rejowski (1996), Dencker (2002) e Barbosa (2002) contribuíram com os pressupostos teóricos do ensino do Turismo. As atividades propostas oportunizaram aos alunos a experiência de analisar como a teoria ministrada em sala de aula pode ser aplicada por intermédio de aula prática, vivenciando as situações propostas nos locais escolhidos. A metodologia inovadora acolheu a visita técnica que possibilitou ao aluno o conhecimento físico/espacial da região, tornando-se determinante na elaboração de um roteiro turístico de qualidade. O trabalho entre os alunos, favoreceu a organização da metodologia com a visita técnica de forma sistematizada, por meio de trabalho coletivo. Em decorrência dessa experiência, vários aspectos importantes da disciplina foram relacionados com o fenômeno turístico, culminando com vários debates entre professora e alunos, como a análise da região visitada e a apresentação do material coletado em forma de vídeos e fotografias. Importante salientar que a vivência também oportunizou aos alunos investigar como os fundamentos teóricos de vários programas de aprendizagem ministrados durante o curso foram importantes nessa prática. Elementos dos Programas de Aprendizagem de: Teoria Geral do Turismo, Agenciamento Turístico, Sistemas de Transportes, Meios de Hospedagem, Gastronomia, Lazer, Meio Ambiente, Planejamento e Organização do Turismo, Sociologia, História, Geografia, Eventos, Análise Econômica, Técnicas de Imagens, entre outras, foram abordados na prática pedagógica. Percebe-se que por meio dessa proposta, que a metodologia contemplou a visita técnica, oportunizando ao aluno uma experiência relevante de aprendizagem, contemplando uma análise do turismo de forma integrada e desenvolvendo o espírito crítico. Com o término dessa pesquisa, observa-se que é possível ter uma proposta pedagógica inovadora e diferenciada para o ensino de Turismo.

Palavras-chave: visita técnica, metodologia, turismo, aprendizagem.

## SUMÁRIO

### CAPÍTULO I

<b>1. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>08</b>
1.1 O significado da palavra Turismo.....	12
1.2 Origem Etimológica.....	13
<b>2. TEMA DA PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
<b>3. PROBLEMA DA PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
<b>4. OBJETIVOS DA PESQUISA.....</b>	<b>14</b>
4.1 Objetivo geral.....	14
4.2 Objetivos específicos.....	14
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>

### CAPÍTULO II

<b>6. PARADIGMAS DA CIÊNCIA E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO.....</b>	<b>17</b>
6.1 O Paradigma Conservador.....	18
6.2. Os Paradigmas Conservadores e o reflexo na prática pedagógica.....	20
<b>6.2.1. Abordagem da Escola Tradicional.....</b>	<b>20</b>
<b>6.2.2. Abordagem da Escolanovista.....</b>	<b>23</b>
<b>6.2.3 Abordagem Tecnicista.....</b>	<b>24</b>
6.3 As Abordagens Pedagógicas do Paradigma Inovador.....	26
6.4 Os desafios para o novo paradigma da educação.....	30
6.5. Paradigma da Complexidade.....	32

### CAPÍTULO III

<b>7. ENSINO DO TURISMO.....</b>	<b>36</b>
7.1 Evolução dos conceitos sobre Turismo.....	37
7.2 O Ensino Superior do Turismo no Brasil.....	38
7.3 A Educação e o Bacharel em Turismo.....	42

### CAPÍTULO IV

<b>8. METODOLOGIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....</b>	<b>45</b>
8.1 A metodologia de projetos num Paradigma da Complexidade na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos.....	45
8.2 Planejamento por contrato didático na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos.....	50
8.3 A avaliação por <i>portfólio</i> na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos.....	53

8.4 A Ação Pedagógica Inovadora em Produtos e Roteiros Turísticos.....	54
--	----

## **CAPÍTULO V**

<b>9. CAMINHADA NA PESQUISA-AÇÃO.....</b>	<b>56</b>
---	-----------

9.1 Procedimentos metodológicos.....	56
--------------------------------------	----

9.2 O desenvolvimento da vivência na prática pedagógica.....	59
--	----

9.3 As contribuições dos participantes da pesquisa.....	61
---	----

<b>9.3.1 Mudança desencadeada pela vivência na metodologia.....</b>	<b>61</b>
---	-----------

<b>9.3.2 A relação teoria e prática no processo metodológico.....</b>	<b>62</b>
---	-----------

<b>9.3.3 Abordagem teórica no processo metodológico.....</b>	<b>63</b>
--	-----------

<b>9.3.4 A avaliação do programa de aprendizagem.....</b>	<b>64</b>
---	-----------

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
----------------------------------	-----------

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
-------------------------	-----------

<b>APÊNDICES.....</b>	<b>77</b>
-----------------------	-----------

## **CAPÍTULO I**

### **1. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA**

A experiência adquirida no mundo do trabalho por meio de atividades em operadoras turísticas e agências de viagens, levou a autora dessa dissertação a iniciar sua experiência como docente em Cursos de Turismo. Após ter realizado um curso de especialização em Ecoturismo, optou por participar de algumas disciplinas de Metodologia do Ensino Superior. Como docente atua no Curso de Turismo da PUC-PR, onde ministra disciplinas de cunho mais teóricas, enquanto outras de natureza prática. No projeto pedagógico da PUC-PR, as disciplinas são denominadas “Programas de Aprendizagem”. Elegeu-se nesta pesquisa o Programa de Aprendizagem “Produtos e Roteiros Turísticos”, ministrada no sétimo período do Curso, como objeto de investigação nessa dissertação.

É importante destacar que na maioria dos cursos superiores em Turismo, tem apresentado dificuldade de vinculação entre formação acadêmica e atuação profissional. O desafio de entrar em contato com a realidade passa pelo desenvolvimento de atividades com grau crescente de complexidade que possam integrar teoria e prática, tornando o aluno um cidadão preparado não só para suprir o mundo do trabalho, mas principalmente, para ser inserido numa sociedade que demanda profissionais éticos e competentes.

Na área de atuação em Produtos e Roteiros Turísticos, o maior desafio para a ação docente é a adaptação de atividades que possam atender as peculiaridades do Programa de Aprendizagem, visando uma prática pedagógica que atenda a um novo paradigma que exige uma ação docente mais interativa, com um processo de aprendizagem dinâmico. O docente deve ter como principal preocupação não perpetuar a dicotomia entre teoria e prática, buscando soluções adequadas para propiciar aos alunos um contato estreito com a realidade da atuação profissional.

É de suma importância fazer uma análise mais aprofundada numa metodologia inovadora para o ensino de Produtos e Roteiros Turísticos. Por intermédio da viabilização de viagens de estudo como parte integrante do Programa de Aprendizagem, poderá ser oportunizada uma prática coerente com os objetivos do programa.

Nessa proposta, os alunos teriam a oportunidade de identificar os elementos necessários para a elaboração de roteiros, levantando questões pertinentes para uma visita em campo, e após essa prática, organizar debates e relatórios para a análise e produção de conhecimento a partir da atividade proposta.

No Brasil, a preocupação com a formação profissional em turismo é recente. Os primeiros cursos superiores em Turismo são da década de setenta. Segundo Trigo (1998, p. 23), a partir de 1990, são elaboradas algumas diretrizes pelo empresariado e por parcelas do governo e começam a surgir pesquisas mais articuladas. Assim o autor alerta “não se pode menosprezar a importância do fenômeno turístico e sua influência econômica, política e cultural. Em vários países, o turismo deixou de ser uma atividade periférica para se tornar agente de destaque da vida cotidiana”.

A partir dessa constatação, percebe-se a importância do ensino superior na área, pois o mundo de trabalho passa a exigir dos profissionais flexibilidade e atualização constante. Esse desafio exige o domínio de novos conhecimentos, a busca de criatividade e inovação. Neste contexto, busca a continuidade da formação que transforma as empresas em núcleos de ensino e aprendizado, onde o fluxo de informação é ininterrupto e a prática da pesquisa é ferramenta básica para apoiar as ações.

A justificativa para optar por este tema exige que se apresente as origens e os caminhos trilhados pelo Turismo. No decorrer da história da civilização, as viagens sempre acompanharam a humanidade. No início, as viagens eram realizadas para busca da própria sobrevivência, em especial, para encontrar a alimentação e procurar agasalho. Os homens e mulheres caminhavam em viagens longas e árduas, em algumas situações dedicavam anos caminhando como peregrinos atraídos pela fé. Os grupos, na Idade Antiga, viajavam também em busca de conhecimento.

As viagens constituíram uma atividade enriquecedora, propiciando trocas culturais entre os diferentes povos. Entre os séculos XVI e XVIII, no *Grand Tour*, os jovens, após o término do curso superior, faziam um estágio nas principais cidades da Europa, que tinham muita história, visitavam museus, apreciavam a gastronomia e as artes. No Oriente, também existiam viagens culturais, semelhantes às viagens dos jovens europeus (BARBOSA, 2002, p. 90).

Os filhos dos nobres, burgueses e comerciantes ingleses deveriam completar os conhecimentos culturais adquiridos em seu país com a realização de uma grande viagem pelos países de maior fonte cultural do velho continente e conseguir, assim, a consideração cultural que a sociedade impunha na Idade Moderna (BERMÚDEZ, 1997, p. 40). O *Grand Tour* começou no século XVI, atingindo o auge no século XVIII. Era restrito principalmente aos filhos de famílias ricas, com propósitos educacionais, sobretudo de jovens recém-saídos de Oxford ou de Cambridge, duas das mais conceituadas universidades inglesas. Esses jovens deveriam percorrer o mundo, ver como ele era governado e se preparar para ser um membro da classe dominante (BERMÚDEZ, 1997, p. 32).

Segundo relatos, ainda no século XVI, teve início, na França, a realização de dois tipos de viagem de lazer que caracterizaram os primeiros tempos do turismo: o *Petit Tour* e o *Grand Tour*. O primeiro consistia numa visita ao Vale do Loire e retorno a Paris. O segundo, do final do século XVII às últimas décadas do século XVIII, complementava a formação dos jovens ingleses e estendia-se, pela França, Suíça e Itália, em especial às cidades de Paris, Roma, Genebra, Florença, Milão, Bolonha, Veneza e Nápoles, sempre acompanhados por um cicerone que conhecia a história dos locais visitados.

De acordo com Barbosa (2002, p.33):

As viagens do Grand Tour duravam de seis meses a um ano e meio, podendo, em alguns casos, alcançar dois anos. Os jovens privilegiados se alojavam em castelos, fortalezas e mansões feudais nos países europeus, pronunciando uma troca de informações e conhecimentos. [...] O Grand Tour significava, então, a viagem de um jovem britânico, de sexo masculino, membro da aristocracia, realizada em companhia de um tutor durante a jornada, que incluía ainda um itinerário previamente fixado que sempre colocava Paris e Roma como principais destinos.

Dessa forma, verifica-se que o propósito tradicional do *Grand Tour* era educacional, voltado para visitas históricas e lugares culturais, observando ainda maneiras e costumes das nações estrangeiras.

O surgimento do turismo na forma que o conhecemos hoje não foi um fato isolado; o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. Segundo Barretto (1997, p. 51), “o modo de produção determina quem viaja, e o desenvolvimento tecnológico, como fazê-lo”.

O turismo organizado surge a partir de meados do século XIX, como consequência do desenvolvimento tecnológico iniciado pela Revolução Industrial e da formação de parcelas da burguesia comercial e industrial com tempo, dinheiro e disponibilidade para viajar. De acordo com Trigo (2001):

A tecnologia do final do século XIX, possibilitou novas construções em ferro fundido, como torres (Torre Eiffel, em Paris), estações ferroviárias, grandes salões com estruturas livres de ferro para sediar exposições ou realizar bailes e grandes edifícios, ou arranha-céus, com estruturas em aço. Essas novas possibilidades da engenharia começaram a mudar a aparência das grandes cidades do mundo, assim como os meios de transporte. (p.13)

Os meios de transporte mais importantes são desenvolvidos nessa fase industrial, construídos em ferro e aço e dotados de motores a propulsão com base no vapor de água. Esses novos meios de transporte são os navios de passageiros e os trens. Os imensos navios movidos a caldeiras de vapor e a hélices substituem os antigos navios a vela, com cascos de madeira e sujeitos às instabilidades meteorológicas. Conforme afirma Barreto (1997, p. 52):

O turismo no século XIX esteve marcado pelo trem em nível nacional, e pelo navio em nível internacional. A sociedade toda esteve marcada pelas consequências desta melhora nos transportes nas áreas de comércio, indústria, serviços e na realocação de mão-de-obra. As pessoas deixaram de trabalhar na terra e passaram a fazê-lo nas indústrias de manufatura, depois dos transportes, especialmente na ferrovia e, finalmente, no setor terciário ligado à navegação. Apareceu uma classe média que passou a ter cada vez maiores salários, podendo pagar entretenimento como futebol e corridas de cavalos.

Lentamente, a melhoria nos meios de transporte, a vida nas cidades, o trabalho nas fábricas substituindo o trabalho doméstico irão transformar o turismo em fenômeno mundial de massas. Barreto (1997, p.53) ainda afirma que:

Outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento do turismo no século XIX foram: segurança, salubridade e alfabetização crescente. A segurança foi propiciada pelo estabelecimento de polícia regular; a salubridade, pelo tratamento das águas e a instalação de esgoto em várias cidades européias, diminuindo o risco de cólera e tifo. O maior índice de alfabetização do povo levou à maior leitura dos jornais que, informando, estimulavam o desejo de viajar.

O turismo de massa pode ter como marco inicial o ano de 1950, quando as tecnologias desenvolvidas durante a Segunda Guerra Mundial são aproveitadas para fins pacíficos. Trigo (2001, p.19) indica que:

No caso da aviação comercial e das viagens marítimas, os ganhos são numerosos: radares e sistemas de navegação aérea e marítima, sonares e novas cartas marítimas e terrestres, novas estruturas para fuselagem dos aviões e casco dos navios, telecomunicações, desenvolvimento das turbinas a jato, motores de propulsão a diesel mais poderosos para os navios e rotas mundiais mais conhecidas e mapeadas.

Além da tecnologia, o crescimento do turismo após a Segunda Guerra Mundial, se dá em função do aumento do tempo livre das pessoas. Como afirma Trigo (2001, p.20):

[...] tem como causas a instituição geral de férias pagas aos trabalhadores, a elevação geral do nível de renda, a valorização da mentalidade do direito de lazer e ao turismo, e a mudança dos hábitos de consumo nas sociedades que, aos poucos, vão se transformando em “pós-industriais”, com o crescimento do setor terciário ou de serviços. As pessoas conquistam o direito ao tempo livre. O individualismo e a possibilidade de ter prazer na vida, deixam de ser algo negativo ou pecaminoso.

Assim, percebe-se que aos poucos, o turismo e as viagens tornam-se um objeto de consumo do ser humano contemporâneo.

## **1.1 O significado da palavra Turismo**

O turismo como conhecemos hoje constitui um fenômeno eminente do século XX. Os historiadores admitem que o advento do turismo de massa iniciou-se na Inglaterra durante a Revolução Industrial, com o despertar da classe média diante do transporte relativamente barato. O surgimento da indústria aérea comercial após a Segunda Guerra Mundial e o subsequente desenvolvimento da era dos aviões a jato na década de 50, assinalaram o rápido crescimento e a expansão das viagens internacionais. Esse crescimento conduziu ao desenvolvimento de uma nova indústria: o turismo (THEOBALD, 1997, p.67).

## **1.2 Origem Etimológica**

A palavra turismo teve sua origem no inglês *tourism*, originário do francês *tourisme*. Segundo Theobald (1997, p. 68), etimologicamente,

a palavra tour (francês) é derivada do latim “tornare” e do grego “tornos”, significando um giro ou um círculo. Ou ainda, o movimento ao redor de um ponto central ou eixo. O significado mudou no inglês moderno, passando a representar especificadamente “um giro”. O sufixo “ismo” (turismo) é definido como uma ação ou processo, enquanto o sufixo “ista” (turista) qualifica aquele que realiza uma determinada ação. Quando a palavra tour (francês) e os sufixos isme e iste são agrupadas, representam a ação de um movimento ao redor de um círculo.

## **2. TEMA DA PESQUISA**

A prática pedagógica num paradigma inovador no programa de aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos.

## **3. PROBLEMA DA PESQUISA**

Conciliar os objetivos acadêmicos com a abordagem técnica que o mundo do trabalho impõe, tem constituído um grande desafio para a construção de um embasamento científico para alicerçar o ensino do Turismo na Universidade. Isto posto, optou-se por investigar o seguinte problema de pesquisa:

**Como elaborar e desenvolver uma proposta metodológica inovadora, que tenha como foco a produção do conhecimento e envolva a utilização da vivência de uma prática pedagógica que facilite a aprendizagem-ensino sobre Produtos e Roteiros Turísticos?**

## **4. OBJETIVOS DA PESQUISA**

### **4.1 Objetivo geral**

Desenvolver uma proposta metodológica inovadora e criativa que responda aos desafios da ação docente na aliança teoria-prática que leve à produção do conhecimento dos alunos na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos.

### **4.2 Objetivos específicos**

- Levantar a bibliografia sobre o ensino do Turismo na Educação Superior.
- Investigar sobre a docência universitária.
- Elaborar uma metodologia inovadora para o ensino específico de Roteiros Turísticos.
- Aplicar uma proposta metodológica que busque a aliança teoria e prática na produção do conhecimento.

- Analisar os dados coletados na pesquisa.
- Relatar a contribuição dos sujeitos envolvidos sobre a metodologia.
- Apontar sugestões no ensino e na aprendizagem a partir da experiência vivenciada pelos alunos no Programa de Aprendizagem de Produtos e Roteiros Turísticos.

## 5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa focalizou os fundamentos e preceitos das ciências sociais, uma vez que o turismo ainda não possui procedimentos metodológicos específicos. Assim, optou-se por uma abordagem qualitativa que implicou na participação da pesquisadora no universo de ocorrência. Segundo Chizzotti (2006, p.28), “o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”.

A pesquisa-ação é uma estratégia de conhecimento voltada para a resolução de problemas; é consequência de um esforço de intervenção sempre renovado na busca de teorias e métodos mais adequados ao objeto a ser estudado. Na metodologia de pesquisa-ação, relata Thiollent (1992, p.19), “a ênfase é dada à resolução de problemas, à tomada de consciência e à produção de conhecimento, sendo uma orientação destinada ao estudo e à intervenção em situações reais”.

O tema foi abordado num primeiro momento com pesquisa bibliográfica que englobou aspectos do ensino do turismo dentro de uma linguagem contextualizada, para então realizar uma vivência que permitiu uma atuação observacional / participante. O universo pesquisado envolveu alunos do 7º período do Curso de Turismo da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e teve uma média de 40 sujeitos envolvidos no processo.

A pesquisa foi realizada em seis fases que foram propostas. Assim, desenvolvidas:

Primeira fase: O processo de todo o trabalho ocorreu durante um semestre letivo, logo no início houve a apresentação da proposta da nova metodologia para os alunos, onde a pesquisadora apresentou alguns destinos turísticos para que eles escolhessem data e local para a vivência da visita técnica.

Segunda fase: Discussão da proposta de trabalho metodológico, explicitando que o trabalho deveria ser dividido em equipes. Nessa fase o aluno foi envolvido de modo a participar de uma atividade em torno da vivência prática, num processo que compreendeu esforços individuais e coletivos para construir novas competências.

Terceira fase: Preparação da metodologia para a vivência da visita técnica com as equipes. Nessa fase, objetivou-se buscar referenciais teóricos para compor uma metodologia que pudesse propor a produção do conhecimento numa atividade prática e que permitisse ser relevante aos alunos.

Quarta fase: Vivência da visita técnica mediada pela professora. O envolvimento dos alunos durante todo o momento, favoreceu que a metodologia se transformasse num processo transparente, que aumentou a responsabilidade dos alunos e favoreceu a autonomia.

Quinta fase: Avaliação do processo pelos alunos. Iniciou com a montagem do projeto junto com a professora, a vivência da visita técnica atendendo aos critérios propostos na metodologia e depois, a participação na avaliação final pela construção de um relatório. O grupo de alunos foi convidado a realizar um relatório que apresentasse contribuições que julgassem relevantes. Para tanto uma aula logo após a viagem foi destinada para esse momento avaliativo.

Sexta fase: Nessa última fase, foram realizados o levantamento e a análise dos dados que possibilitaram a construção das possíveis contribuições para o ensino na área, em especial, a partir das manifestações dos participantes da pesquisa.

## **CAPÍTULO II**

### **6. PARADIGMAS DA CIÊNCIA E SEUS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO**

O momento histórico que estamos vivenciando mantém uma ação docente embasada nos pressupostos do paradigma conservador, que é influenciado fortemente pelo pensamento newtoniano-cartesiano (BEHRENS, 1999). O grande desafio da educação parece ser o de superar ou ultrapassar esta abordagem positivista nesse sentido e encontrar novos rumos e caminhos educacionais, que propicie ao professor atuar como mediador pedagógico em sua prática docente. Com relação à ciência e a superação do paradigma de visão cartesiana, tem deixado atônitos os cientistas que nele se baseiam, pois seus paradigmas estão mudando, ou melhor, se transformando de forma muito acelerada. Nesse movimento paradigmático a tecnologia da informação está presente e está (produzindo de forma inovadora) acrescentando à ciência conhecimento de qualidade exigindo uma nova metodologia que venha a atender ao novo paradigma científico que está emergindo. O paradigma inovador advém das teorias do movimento da mecânica quântica (CAPRA, 1996) que vem acrescentar um novo rumo na visão científica; assim geram uma visão global, ou seja, uma visão do todo, de inter-conectividade, de rede e teia, que acompanham a sociedade do conhecimento.

A visão contextualizada do paradigma inovador leva investigar a problemática científica e educacional mostrando a influência da ciência sobre as abordagens pedagógicas.

Neste momento de grandes reflexões e mudanças paradigmáticas emergentes, temos dois paradigmas vigendo concomitantemente na entrada do século XXI. O primeiro eixo é o conservador e o segundo é o inovador (BEHRENS, 1999).

Desta forma, os modelos, tendências e abordagens educacionais são denominados paradigmas. Segundo Brandão e Crema (1991, p. 14 e 15) o termo paradigma, em grego significa "(...) exemplo, ou melhor, ainda modelo ou padrão". Para Kuhn, que foi quem fez uso sistemático do termo, "Um paradigma é aquilo que os membros de uma comunidade partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma" (KUHN, 2000, p. 219).

A mudança do paradigma educacional para um outro mais atualizado necessita considerar o atendimento das dificuldades deste tempo atual para procurar um caminho para o progresso refletido em uma sociedade mais justa, igualitária e emancipada.

Para melhor entendimento, os paradigmas da ciência, divididos em conservadores e inovadores, serão descritos a seguir.

### **6.1 O Paradigma Conservador**

As ciências e as práticas pedagógicas vêm mantendo as características sedimentadas no paradigma newtoniano-cartesiano adquiridas no século XIX (MORAES, 1997, p.15). No ensino, o conservadorismo e a fragmentação fortaleceram a reprodução do conhecimento. O professor é autoritário, detentor dos saberes e do poder e, portanto, nunca está errado. É um modelo a ser seguido, exigindo dos alunos o conteúdo transferido, e, portanto, a memorização e a cópia. Para o professor conservador, o padrão comportamental desejado para o bom aluno é a aceitação dos conteúdos como verdade absoluta e inquestionável, passiva e silenciosa. O aluno no paradigma conservador pratica a cópia em cadernos ou da gravação em fitas cassetes, das páginas dos livros que o docente repete em sala de aula, por vezes escrevendo no quadro de giz, ou utilizando-se do ditado de suas fichas de aula. E, mais recentemente substituindo-as por recursos didáticos (retroprojetores, projetor de *slides*), repetindo o mesmo conteúdo, lendo-o do início ao fim, para que os alunos possam copiá-lo sem erros, ou fazer fotocópias mais tarde, garantindo assim toda a matéria a ser decorada para a prova.

A proposta metodológica localiza o produto que é mais importante que o processo de aprendizagem. Com aulas exclusivamente expositivas, atende aos rígidos currículos e horários. A avaliação tem como foco a repetição, estimulando ganhadores ou perdedores, focando a competitividade. A prática pedagógica conservadora propõe uma contínua transmissão do conhecimento, gerando a fragmentação do todo em suas partes. Nesse processo desconsideram-se as potencialidades e as dificuldades individuais, sendo que, não há espaço para o erro, para a dúvida ou para o mal comportamento em sala de aula.

A avaliação dos saberes é usualmente realizada pelo sistema de provas que privilegiam a capacidade de memorização, preferencialmente exigindo a repetição

de maneira idêntica, verbal ou escrita, do conhecimento pronto, acumulado durante as aulas. O bom modelo de aluno e futuro profissional, para este método, é aquele que aproveita “a grande chance” oferecida pelo professor, de poder decorar todo conhecimento transmitido (MORAES, 1997). Esses conteúdos são as verdades científicas incontestáveis, prontas. Os acertos nas questões de prova, decorrem das respostas com as mesmas palavras propostas pelo professor. O aluno obediente e dedicado será aprovado com honras e destacado dos demais pela sua inteligência. A formação conservadora carrega a certeza de um futuro profissional garantido, porque agora está pronto por ser mais um detentor do conhecimento constituído. Segundo Moraes (1997, p. 51):

[...] A escola atual continua influenciada pelo universo estável e mecanicista de Newton, pelas regras metodológicas de Descartes, pelo determinismo mensurável, pela visão fechada de um universo linearmente concebido. Conseqüentemente, é uma escola submetida a um controle rígido, não percebendo as mudanças ao seu redor e, na maioria das vezes, resistindo a elas. Uma escola que continua dividindo o conhecimento em assuntos.

A autora caracteriza a influência dos padrões rígidos da escola e ainda esclarece que:

[...] o professor é o único responsável pela transmissão do conhecimento, continua vendo o aprendiz como uma tábula rasa, produzindo seres subservientes, obedientes, castrados em sua capacidade, destituídos de outras formas de expressão e solidariedade.

A educação atual continua gerando modelos de comportamentos baseados no sistema de referência, e o aluno, o ser humano resultante deste processo, carrega uma visão fragmentada, e aprende a não refletir criticamente, não questionar. A ênfase destes preceitos é dada em sala de aula, mas também aplicada no seu cotidiano pessoal e em seu meio social.

Estes sujeitos que se baseiam na óptica cartesiana aceitam o que é quantificável, pois não existe uma verdade sem ser evidenciada concretamente, a qual deverá ser subdividida para que cada uma de suas mínimas partes possam ser resolvidas. Para Behrens (1999, p. 20) “[...] o homem perdeu a referência do todo, injetando força na pesquisa que considerasse as partes fragmentadas e nem sempre tendo consciência das articulações destas partes e das conseqüências do ato de separá-las do todo”.

Com essa influência, os cursos apresentam currículos que se tornam fragmentados em função das disciplinas, com uma visão linear e reducionista.

## **6.2 Os Paradigmas Conservadores e o reflexo na prática pedagógica**

O termo “ensino tradicional” tem como característica principal a prioridade atribuída à disciplina intelectual e aos conhecimentos abstratos. Apresenta a missão catequética e unificadora da escola. Vale salientar que os programas dentro da tendência tradicional são minuciosos, rígidos e coercitivos (BEHRENS, 1999). Um princípio organizador nessa visão consagra todo o ciclo de estudos aliado a obtenção do diploma e, seu método de recitação e as espécies de conteúdos ensinados derivam de uma concepção estática de conhecimento.

A tendência tradicional é uma prática pedagógica transmitida de geração a geração. Consiste basicamente em supor e aceitar que os conhecimentos absolutos e inquestionáveis provêm essencialmente do meio, transmitido ao indivíduo na escola.

A escola é um dos locais de apropriação do conhecimento, tanto pela transmissão de conteúdos quanto pela confrontação com modelos e demonstrações, dando ênfase não ao educando, mas na intervenção do professor, para que a aquisição do patrimônio cultural seja garantida. O aluno nada mais é que um ser passivo, receptor de conhecimentos escolhidos e elaborados por outros para sua apropriação.

Porém, conforme Mizukami (1986, p.18) a escola não é estática nem intocável, ela sofre transformações surgindo nesse processo novas formações sociais como um possível agente de mudança numa realidade dinâmica.

A abordagem conservadora ainda caracteriza a prática pedagógica na organização do conhecimento por meio das divisões por disciplinas. O ensino passa a acontecer de forma transmissiva, centrado no professor e nos conteúdos. A escola é vista como responsável pelo ajustamento social dos alunos sem preocupação com uma visão crítica da sociedade.

O paradigma conservador acompanhou três abordagens pedagógicas: tradicional, escolanovista e tecnicista (BEHRENS, 1999). Com esta visão, optou-se por descrever cada abordagem e suas colaborações para prática pedagógica do

professor, em especial, caracterizando o aluno, o professor, a metodologia e a avaliação; começando pela abordagem da escola tradicional.

### **6.2.1 Abordagem da Escola Tradicional**

A educação da escola tradicional, de acordo com Moraes (1998, p. 32) tem, como um dos motivos da sua razão de ser, a importância delegada aos interesses individuais, em detrimento dos coletivos. Toda fundamentação do paradigma tradicional pautava-se na racionalidade científica e nos aspectos mensuráveis, era, enfim, uma visão newtoniana-cartesiana de educação. Esses aspectos, por sua vez, também definiam a sociedade, suas relações e, conseqüentemente, os processos de ensino-aprendizagem. O método da educação tradicional, que ocorreu até meados de 1930, estava imerso num paradigma dominante que, de acordo com Cunha (1998, p. 27) se caracterizava por ser presidido pela racionalidade científica, em que só havia duas formas de conhecimento: as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas. A autora acrescenta ainda, que, por essa razão, conhecer significava quantificar e repetir.

Para Croce (2003, p. 57), a escola tradicional possuía um ambiente austero e conservador, que visava preparar o aluno intelectual e moralmente. A escola assumia um compromisso de formar seus alunos para a vida, mas sempre buscando modelos pré-definidos. Nessa abordagem, conforme Mizukami (1986, p. 09) tinha-se a pretensão de conduzir o aluno ao contato com as grandes realizações da humanidade e, dessa forma, somente a escola era detentora do conhecimento, além de ser, também o único lugar responsável pela educação. A realidade e o mundo eram modelos a serem transmitidos ao aluno. Behrens (2005) afirma que a regra básica da prática docente era: “leia, decore, copie e repita”.

O Professor da escola tradicional era o centro do processo, aquele que transmitia os conhecimentos prontos e acabados e que não podia, sob qualquer hipótese, ser questionado pelos alunos. Behrens (2000, p. 45) descreve, com clareza, a postura desse professor:

O professor apresenta o conteúdo para seus alunos como pronto e acabado. Busca repassar e transmitir informações de maneira que os alunos possam repetir e reproduzir o modelo proposto. Como o dono da verdade, apresenta-se autoritário, severo, rigoroso e objetivo. Distante dos alunos procura discipliná-los na sala de aula em nome da obediência, da

organização e do silêncio. Apresenta os conteúdos de maneira fragmentada. Com uma organização em partes, enfocando o conhecimento como absoluto e inquestionável.

Os conteúdos, além de serem transmitidos como verdades prontas e acabadas, na maioria das vezes não eram contextualizadas, não se apresentava possibilidade de conexão com outros conteúdos. Com todo esse processo repressivo, o aluno da escola tradicional era passivo, acrítico e receptivo, pois qualquer desvio desse padrão de comportamento atrapalharia a conduta do professor. Libâneo (1986, p. 24) concorda com essa idéia e esclarece ainda, que:

no relacionamento professor-aluno predomina a autoridade do professor, que exige atitude receptiva dos alunos e impede qualquer comunicação entre eles no decorrer da aula. o professor transmite o conteúdo na forma de verdade a ser absorvida; em consequência, a disciplina imposta é o meio mais eficaz para assegurar a atenção e o silêncio.

A metodologia da escola tradicional, de acordo com Behrens (2000, p. 45) era caracterizada por aulas expositivas e demonstrações. Dessa forma, o aluno não passava de um depósito de informações e o conhecimento tinha caráter cumulativo. Para Mizukami (1986, p. 10), na escola tradicional evidenciava-se o caráter cumulativo do conhecimento humano, por presumir-se que conferiria importância à educação formal.

O resultado desse processo era a proposição de uma única avaliação por bimestre que buscava respostas decoradas, sem a possibilidade de interpretação pessoal do aluno, a quem, em geral, era vedado o direito de colocar suas opiniões, originadas a partir de sua própria experiência, pois o mundo, a sociedade e o conhecimento já estavam prontos e somente poderiam ser adquiridos gradativamente. Percebe-se assim, que o processo criativo fica prejudicado, pois os alunos não podem ser, de acordo com Behrens (2000, p. 46), criativos e questionadores.

Essa abordagem milenar, começa a ser questionada a partir do advento da Escola Nova, que será apresentada a seguir.

## **6.2.2 Abordagem da Escolanovista**

Na década de trinta, embora aparecendo como um movimento para mudar a escola, mantém uma abordagem conservadora assentada na reprodução do conhecimento como a abordagem escolanovista pode ser entendida “como um movimento de reação à pedagogia tradicional e busca alicerçar-se com fundamentos da biologia e da psicologia dando ênfase ao indivíduo e a sua atividade criadora” (BEHRENS, 1999, p. 48). A escola visa mudanças relacionadas ao paradigma tradicional, sua característica é o ensino centrado no aluno, considera os interesses dos alunos provocando experiências de aprendizagem, buscando assim o autodesenvolvimento e a realização individual.

O professor passa a ter um papel de facilitador da aprendizagem, orienta e organiza as atividades em conjunto com os alunos, com autonomia e autenticidade; o ambiente de sala de aula é democrático e positivo. No mesmo sentido o aluno é o centro do processo considerando os fatores psicológicos, é ativo e aprende por resolução de problemas; cada aluno se desenvolve por suas próprias capacidades e empenho (MIZUKAMI, 1986, p. 39).

A metodologia é centrada nas experiências que o professor elabora com os alunos buscando a aprendizagem, e ainda “atribui grande importância aos métodos, às unidades de experiências e aos trabalhos em grupos, oferecendo atividades livres que atendam ao ritmo próprio do aluno” (BEHRENS, 1999, p. 49). A metodologia ofertada pelos professores deve considerar os aspectos psicológicos para cada educando, bem como suas capacidades intelectuais, preconizando o desenvolvimento da inteligência e do caráter de cada indivíduo.

A avaliação enfatiza também a auto-avaliação, que, para Mizukami (1986, p. 49) tem funções de promover a criatividade, a autoconfiança e a independência, já que para esta metodologia “o aluno conseqüentemente, deverá assumir responsabilidades pelas formas de controle de sua aprendizagem, definir e aplicar os critérios para avaliar até onde estão sendo atingidos os objetivos que se pretende” (MIZUKAMI, 1986, p. 56).

A Escola Nova portanto, faz com que o aluno tenha a possibilidade de criar, porém já será superada pela abordagem tecnicista onde o resultado operacional é o mais importante.

### **6.2.3 Abordagem Tecnicista**

Outro paradigma conservador que aparece na década de setenta recebe a denominação de Tecnicista. Essa abordagem é fundamentada nos princípios do positivismo e, portanto, enfatiza a racionalidade, a eficiência, a eficácia e a produtividade. Para Saviani (1985, p. 16), a fim de diminuir os riscos de que a eficiência sofresse influências da subjetividade. A pedagogia tecnicista propôs para a educação uma organização referendada na racionalidade. Os fundamentos do pensamento newtoniano-cartesiano estão presentes e exercem uma forte influência do paradigma tecnicista, propondo uma neutralidade científica, bem como uma educação objetiva e operacional. O enfoque deste paradigma está na organização racional dos meios, para qual o planejamento possa garantir a produtividade do processo educacional. Ainda, citando Behrens (1999, p. 51e 52):

A forte interferência do positivismo e a cisão entre o sujeito e o objeto provocam uma educação fragmentada e mecanicista. Ao separar o corpo da mente, a ciência transfere para a educação e, por consequência, para o ensino um sistema fechado, compartimentalizado e dividido. A ênfase do processo educativo recai na técnica pela técnica. Busca lançar mão de manuais para organizar o processo ensino-aprendizagem.

A autora indica o aprendizado como um ato mecânico e ainda comenta a reprodução do conhecimento, muito presente nessa abordagem:

[...] têm como pressuposto essencial a busca de um comportamento responsivo. O advento da revolução industrial exige do ensino uma abordagem técnica, mas a ênfase do ensino continua na reprodução do conhecimento.

A escola tem como finalidade treinar os alunos, e, como comenta Mizukami (1986, p. 52), busca moldar seus comportamentos. A educação na escola tecnicista está comprometida com a organização do processo de aquisição de ações e conhecimentos específicos, envolve treinamento de habilidades úteis para sua integração na máquina do sistema social global. O capitalismo exige que as escolas sejam as unidades fabricantes que modela os alunos que possam funcionar como elos eficientes para o adequado funcionamento do sistema de produção em massa.

O professor utiliza sistemas instrucionais para realizar a transmissão do conhecimento com eficácia. A ele cabe direcionar um comportamento predeterminado, utilizando para isso o condicionamento arbitrário advindo da teoria do reforço. A influência cartesiana faz com que o docente se aproprie do

determinismo e do racionalismo, enfatizando a técnica pela técnica, a fim de obter o resultado planejado. Para Libâneo (1986, p. 30) “o professor é apenas um elo de ligação entre a verdade científica e o aluno, cabendo-lhe empregar o sistema instrucional previsto. [...] A comunicação professor – aluno tem um sentido exclusivamente técnico, que é o de garantir a eficiência da transmissão do conhecimento”.

O aluno nesta abordagem, é responsivo, recebe e fixa o que lhe é ofertado, e não participa do processo de elaboração do programa educacional. É um espectador da verdade objetiva. Sua aprendizagem depende do estímulo e do reforço, e, é obtida com a modificação de seu comportamento que é observado e mensurado. Suas respostas estão inegavelmente prontas e corretas. Deste processo comportamentalista, resulta um indivíduo cuja criticidade está ausente, pois como no dizer de Behrens (1999, p. 53): “A incessante busca de desempenho torna o aluno condicionado [...] pois seguir à risca os manuais e instruções demonstra a eficiência e a competência requerida pela sociedade”.

A metodologia desta abordagem para Libâneo (1986, p.29) consiste em um conjunto de técnicas capazes de assegurar a transmissão e a recepção das informações. Cabe ao professor moldar respostas apropriadas para os objetivos instrucionais, conseguindo adequar o comportamento dos alunos pelo controle do ensino.

A aprendizagem é transferida pela repetição e pelo treinamento, sendo indispensável a retenção do conteúdo, para poder repetí-lo frente à novas situações. No tecnicismo a repetição é enfatizada, e a resposta correta premiada, o que leva a cópia pela cópia. O erro é punido com rigor, e as dúvidas ou perguntas só podem ser realizadas se estiverem dentro do conteúdo exposto pelo professor.

Há uma acentuada fragmentação da teoria com a prática, pois são ofertados cursos caracterizados por uma visão limitada do treinamento, e, as disciplinas teóricas cursadas com caráter prioritário no primeiro momento, para que em outro momento os seus conteúdos sejam transpostos de maneira precisa e integral para a prática. Para que o professor possa cumprir com todo o conteúdo garantindo a sua assimilação e sua reprodução fiel, passa a utilizar-se de recursos técnicos audiovisuais.

A avaliação visa o produto. As avaliações reprodutivas exigem do aluno muita retenção e memorização, o que leva a inúmeros fracassos e a grandes índices

de reprovação. A formação do educando deve atender as necessidades de mercado, e o principal fator que irá definir este sucesso é a competência técnica; esta característica incontestavelmente é exigida pela atual sociedade, e não existem argumentos que neguem sua importância, o erro está em dicotomizá-la das necessidades de valores éticos para o bem viver em nosso planeta, assim como da realização pessoal, profissional, política e social do ser humano.

Os paradigmas, mesmo os conservadores, não se anulam, mas se interconectam ao longo da história, e o resultado é a base a ser transposta para o surgimento de um novo paradigma relacionado às necessidades do devido momento histórico (BEHRENS, 1999). Nas últimas décadas do século XX, as abordagens no paradigma conservador, começam a deixar lugar para o paradigma inovador.

### **6.3 As Abordagens Pedagógicas do Paradigma Inovador**

O paradigma inovador demanda o entrelaçamento de várias abordagens e de múltiplas visões. Cabe enfatizar que se optou por acompanhar a proposta elaborada por Behrens (2005) quando propõe a aliança de três abordagens que poderiam subsidiar o paradigma inovador. Ou seja, a abordagem Holística, a abordagem do Ensino com Pesquisa e a abordagem Progressista.

Estas abordagens estão alinhadas numa somatória de forças sem precedentes, que irão influenciar a produção do novo conhecimento dentro das nossas academias ou faculdades. A condição do aluno, do professor (mediador pedagógico), da metodologia, da avaliação e da escola foi investigado em cada uma destas três abordagens. De forma sintética e objetiva buscou-se eleger as principais características das abordagens nesta aliança para ter uma visão do todo no processo educacional e conseqüentemente na produção do conhecimento.

Na Abordagem Holística, o aluno caracteriza-se na sua complexidade, vive num mundo de relações sociais, o coletivo, é único, competente e valioso, a criatividade e o talento são referências únicas em cada aluno. Nesta abordagem o aluno deve ser considerado por suas inteligências múltiplas, de acordo com Gardner, citado por Behrens (1998, p. 72) temos oito tipos de inteligências, “lingüística, lógica, ou matemática, musical, espacial ou visual, cinestésica ou física, interpessoal e intrapessoal, e por final a naturalista”.

O professor necessita buscar superar a reprodução e criar condições de produção do conhecimento, reforçando sua posição como *mediador pedagógico* neste processo, deve ser um educador significativo e instigador de que o aluno passe a ter uma maior consciência da construção continuada do seu conhecimento. Assim Cardoso (1995, p. 47) esclarece:

Hoje, ser holístico é saber respeitar diferenças, identificando a unidade dialética das partes no plano da totalidade. A atual abordagem holística na educação não pretende ser uma nova verdade que tenha a chave única das respostas para os problemas da humanidade. Ela é essencialmente uma abertura incondicional e permanente para o novo, para as infinitas possibilidades de realização do ser humano.

Esta proposição de Cardoso (1995) nos remete a uma transcendência do ser professor para uma ampliação deste papel como indivíduo, para ser humano preocupado com seus semelhantes, com a sociedade, e no planeta e no cosmos.

A metodologia, na abordagem holística, busca a formação ética e os relacionamentos pessoais e interpessoais do ser humano. A visão de totalidade acompanha esta metodologia holística. Desta forma poderemos aproximar docentes e alunos em uma práxis de parceria significativa crítica de qualidade e muito produtiva, podendo chegar a autonomia no processo pedagógico. Esta metodologia indica uma unidade entre a prática e a teoria.

A avaliação, segundo Behrens (1996), na abordagem holística, é sistêmica visando o processo como um todo, tendo assim condições de durante o processo perceber os erros e retomar a direção do acerto. Respeita o aluno como sujeito do processo e como pessoa, contemplando suas inteligências múltiplas e suas qualidades. O conhecimento adquirido na escola deve ser um meio para aprofundamento das relações do educando consigo mesmo, com a família e com a comunidade em geral.

A escola, na abordagem holística, tem uma visão ecológica e sistêmica e tem sido apoiada por um grupo chamado GATE "*Global Alliance For Transforming Education*" (1991, p. 03) que propõe que "O ensino deve enriquecer e aprofundar a relação consigo mesmo, com a família e membros da comunidade global, com o planeta e com o cosmo". Busca a formação da humanidade de maneira que recupere a visão do todo, da plenitude, vivendo na sociedade como um cidadão mundial. A aprendizagem na escola alia a mente, a intuição, a paixão e o amor.

Desta forma, verifica-se que a tendência é a escola superar a fragmentação deixada pelas abordagens conservadoras que ainda insistem em permanecer. A idéia de rede, de interconectividade envolve todos os sistemas vivos que coabitam o planeta, Capra (1996, p. 40) defende o seguinte: “cada um destes sistemas forma um todo em relação às suas partes, enquanto que, ao mesmo tempo, é parte de um todo maior”. Tais proposições mostram uma visão de contexto, tipo na teia, onde criam-se sistemas dentro de sistemas, e todos estão interconectados num holomovimento contínuo.

A abordagem do Ensino com Pesquisa busca a produção do conhecimento e tem como foco o aprender a aprender.

O aluno é sujeito do processo, questionador, investigador, tem raciocínio lógico, é muito criativo nas suas ações, tem grande capacidade produtiva. Com essa proposta pode vir a ser um cidadão ético e autônomo.

Segundo Behrens (1996) o professor é o orquestrador da construção do conhecimento, mediador, articulador crítico e criativo do processo pedagógico. Instiga o aluno a “aprender a aprender”, enquanto docente, educa transcendendo a posição de instrutor e preocupa-se em ampliar caminhos para a emancipação de si mesmo e dos estudantes. Passa a ser um profissional que atua como orientador e parceiro na formação do educando e na produção do conhecimento.

A metodologia nesta abordagem assenta-se na busca da produção do conhecimento pelos estudantes e pelos professores, tem o desafio de ultrapassar o ensino livresco e conservador que se restringe a aulas expositivas com a finalidade de reprodução do conhecimento e a pesquisa copiada, que tem acompanhado o processo pedagógico em todos os seus níveis. Num paradigma emergente (Capra, 1996) contempla-se outra dimensão de pesquisa, a da produção do conhecimento crítico e reflexivo, que leva à autonomia e provoca a capacidade de problematizar, investigar, estudar, refletir e sistematizar o conhecimento. Uma metodologia, para tornar-se relevante tem que conceber o ensino com pesquisa como uma ação pedagógica de estudantes e professores (mediadores) para apreender a compreensão de mundo.

A avaliação na abordagem do ensino com pesquisa apresenta-se contínua, processual e participativa. O acompanhamento da aprendizagem funciona como um contrato onde professor e aluno têm clareza dos procedimentos. Um processo educativo com avaliação do desempenho geral avalia o ritmo participativo e

produtivo, avalia a capacidade do aluno produzir sua própria aprendizagem, dando qualidade de produção científica, equilibrado entre o trabalho individual e coletivo para a elaboração dos conhecimentos.

A escola é inovadora, transformadora, participativa. Para Libâneo, (1998, p.28) a escola precisa ser concebida como espaço produtivo, oferecendo: “Formação geral e preparação para o uso da tecnologia, desenvolvimento de capacidades cognitivas e operativas, formação para o exercício da cidadania crítica, formação ética”.

Na Abordagem Progressista, o homem é fruto das relações sociais, é um ser político e pertence a uma classe social determinada. A cooperação entre os indivíduos é determinada através do compartilhamento de idéias, responsabilidades, informações e decisões. A reflexão é inserida num ambiente concreto. Segundo Libâneo, citado por Behrens (1999, p.79):

A pedagogia progressista, no Brasil, manifesta-se em três tendências: a libertadora, mais conhecida como pedagogia de Paulo Freire; a libertária, que reúne os defensores da autogestão pedagógica; a crítico-social dos conteúdos, que, diferentemente das anteriores, acentua a primazia dos conteúdos no seu confronto com as realidades sociais.

O aluno é partícipe da ação educativa sendo um sujeito ativo, sério e criativo. É crítico no ato do conhecimento e atua como co-responsável, dinâmico e participativo do processo. É também dialógico com o professor envolvendo-se num processo intermitente de investigação e discussão coletiva para buscar a produção do conhecimento.

O professor por sua vez está sujeito ao processo, tem uma relação horizontal com os estudantes, mediador do conhecimento, respeita os alunos e acredita que são capazes de construir suas próprias histórias, de fazer suas escolhas e trilhar caminhos reflexivos, críticos e criativos. Freire (1992, p. 112) dizia: “Uns ensinam e ao fazê-lo aprendem. Outros aprendem e, ao fazê-lo, ensinam”.

A metodologia nesta abordagem é dialógica com ação libertadora e democrática. Ao ser problematizadora, instrumentaliza a mediação e cria a possibilidade dos alunos manifestarem-se quanto à “capacidade de expressarem sua compreensão da prática em termos de elaboração e produção do conhecimento” (SAVIANI,1985, p.76). As aulas apresentam-se com a discussão de temas, tendo os aspectos sociais e políticos como prioridade.

A avaliação é contínua, processual e transformadora. Possibilita a auto-avaliação e a avaliação grupal. Aluno e professor elaboram juntos os critérios para avaliação. Tem uma relação fraterna, solidária e amorosa; entre professor / aluno e aluno / aluno.

A escola está sempre em movimento, caracterizando-se por ser uma instituição libertadora, democrática, dialógica e crítica. Problematisa para a compreensão do real e propõe a produção do conhecimento aberto à realidade social.

De acordo com os paradigmas apresentados, percebe-se que a preocupação com a evolução da produção do conhecimento se faz presente, e novos pensamentos, apresentam-se como desafios.

#### **6.4 Os desafios para o novo paradigma da educação**

No início do século XXI, o mundo deveria estar em estado de alerta diante de tantas dificuldades sociais. O que aconteceu no passado que fez os seres humanos tornarem-se tão indiferentes à vida, à natureza, à intuição, à empatia, aos seus sentimentos e à solidariedade. Essa reflexão, entre outras, provoca muitas pessoas que estão preocupadas com o futuro da humanidade.

Não existe um único motivo, que seja o responsável pela realidade que se apresenta nesse momento histórico. O modo como o mundo foi estruturado, depende histórica e socialmente dos paradigmas, ao longo dos séculos exerceram influência direta em todas as áreas do conhecimento, especialmente na Educação. No entanto, a visão herdada do século XVIII, de um mundo mecânico e reducionista, não corresponde mais às necessidades sociais, principalmente no que diz respeito à educação. Por essa razão, existe a necessidade de buscar novos referenciais para educar a humanidade (MORAES, 1997, p.29), pois o modo como a educação vinha sendo conduzida até o final do século XX precisa de urgente repensar, porque não consegue mais responder aos problemas apresentados na sociedade atual.

O grande desafio centra-se no educar agora para se ter um futuro melhor, pois homens e mulheres precisam ter noções de cidadania. Nesse sentido, educa para interagir com responsabilidade social desde a mais tenra idade. Os adultos ensinam as crianças como devem se comportar e como se colocar diante das diferentes situações. As crianças desde cedo freqüentam a escola para aprenderem

os conhecimentos que a humanidade conquistou ou desvendou até o momento atual. Mas nota-se que as instituições educacionais, em sua maioria, não vêm formando crianças com valores de solidariedade e empatia, os quais poderiam levá-las a viver uma vida mais humanizada. Comentando sobre esta dificuldade da sociedade atual, Goleman (1995, p. 01) apresenta a reflexão:

A tendência social geral em países modernos é para uma autonomia cada vez maior do indivíduo, o que por sua vez traz mais competitividade – às vezes brutal, como acontece nas universidades e locais de trabalho – e menos solidariedade, que trazem maior isolamento, com a deterioração na integração social. Essa lenta desintegração da comunidade e esse aumento de implacável auto-afirmação chegam numa hora em que pressões econômicas e sociais exigem mais, e não menos cooperação e envolvimento. Junto com essa atmosfera de início de mal-estar social, há sinais de um crescente mal-estar emocional, sobretudo entre as crianças. Uma das origens disso talvez seja que a infância está mudando. Pais que enfrentam uma nova realidade na paternidade – mais tensos e pressionados pela economia e o ritmo mais frenético da vida do que acontecia com seus próprios pais – precisam de mais orientação para ajudar seus filhos a dominar as aptidões humanas essenciais mestras.

Essa contribuição leva a refletir que é preciso substituir o modelo educacional caracterizado por uma abordagem conservadora, positiva, baseada na racionalidade que levou à fragmentação do conhecimento, por outro modelo, ou seja, o “modo de conhecimento capaz de aprender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto” (MORIN, 2003, p.14). Para tanto, será necessária a descrição da próxima abordagem, conhecida como Paradigma da Complexidade.

## **6.5. Paradigma da Complexidade**

A evolução da produção do conhecimento fez com que vários autores nas últimas décadas do século XX, denominassem o paradigma inovador, como emergente ou sistêmico. Segundo Behrens (2006, p. 19), foi Capra em sua obra: As conexões ocultas – Ciências para vida sustentável, que passa da denominação de paradigma emergente para o termo “paradigma da complexidade”. A autora defende que:

O paradigma da complexidade reforça os princípios e referenciais teóricos e práticos que foram propostos para o paradigma emergente. Os paradigmas inovadores são fortemente enfocados na visão da totalidade, de interconexão, de inter-relacionamento, na superação da visão

fragmentada do universo e na busca da reaproximação das partes para reconstruir o todo nas variadas áreas do conhecimento.

Com essa afirmação, nota-se que as mudanças que acontecem no mundo evidenciam a alteração de várias estruturas, inclusive educacionais, muito diferentes do paradigma tradicional que era apoiado numa suposta ordem e na separatividade. As contribuições da física quântica foram utilizadas para auxiliar na sustentação desse paradigma, como afirma Moraes (2004, p. 15):

A partir das discussões filosóficas que as descobertas da física quântica suscitaram, pude então perceber que a microfísica nos ensina que *objeto* implica *relações*, que não existe espaço vazio e que o mundo não é feito de objetos isolados, mas tecido por uma rede de interconexões invisíveis, dinâmica e caracterizadora dos mais diferentes processos. O mundo passou a ser concebido em termos de movimento, fluxo de energia e processos de mudança.

Portanto, essa citação permite identificar que todo o ser é inacabado e incompleto. Que tudo está permanentemente num processo de construção, de desconstrução e de reconstrução. O que evidencia a necessidade de profundas transformações sociais, inclusive nos sistemas educacionais. Morin, citado por Behrens (2006, p.20), indica que “esse novo paradigma exige uma formação docente e discente que supere a visão linear e torne-se mais integradora, crítica e participativa”.

Nesse pensamento, as implicações na maneira de ser, de fazer, de viver e de conviver em sociedade trazem desdobramentos nas práticas pedagógicas, como afirma Moraes (2004, p.41):

Um outro aspecto importante a ser considerado e que influencia as nossas práticas pedagógicas é o reconhecimento de que o sujeito aprendiz participa do seu processo de construção do conhecimento com toda a sua inteireza, com toda a sua multidimensionalidade, ou seja, com todos os seus sentimentos, emoções e afetos. Enfim, ele participa também com toda a sua história de vida impregnada em sua corporeidade, em sua memória, e sem separar o mental do físico, o fato da fantasia, a razão da emoção, o passado do presente e do futuro.

Morin (2003), acrescenta que a educação do futuro deverá estar centrada na condição humana. O autor traz elementos sobre a origem de estarmos numa era planetária, onde “conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo e não separá-lo dele”. (p. 47) E ainda implica um questionamento sobre a posição humana no mundo, conforme a seguinte citação:

Os progressos concomitantes da cosmologia, das ciências da Terra, da ecologia, da biologia, da pré-história, nos anos 60-70, modificaram as idéias sobre o Universo, a Terra, a vida e sobre o próprio Homem. Mas estas contribuições permanecem ainda desunidas. O humano continua esquartejado, partido como pedaços de um quebra-cabeça ao qual falta uma peça. Aqui se apresenta um problema epistemológico: é impossível conceder a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que a rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bio-anatômico. (p.48)

Percebe-se então que para a educação do futuro, é necessário promover conhecimentos oriundos das ciências naturais, com o propósito de situar a condição humana no mundo, integrando as contribuições da humanidade. Morin (2003, p.48) ainda organiza como contribuições “não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...”.

Em relação à aprendizagem e ao conhecimento, Moraes (2004) revela que um dos aspectos fundamentais da educação atual é aprender a religar e não apenas separar. Ao mesmo tempo, afirma que é importante saber ou aprender a problematizar. A autora, ainda determina que “o conhecimento está intimamente ligado à ação e a experiência do sujeito revelada pela atividade que ele desenvolve com os objetos, revelada pelo movimento dialético que ocorre entre os equilíbrios e desequilíbrios, entre reorganizações individuais, coletivas e culturais.” (p. 292).

A autora que reconhece esse paradigma com a denominação de “pensamento eco-sistêmico”, remete que o educar, a partir desse princípio:

[...] é configurar um espaço de convivência desejável para que as atividades se desenvolvam. É ser capaz de construir um espaço amoroso e não competitivo, um local agradável e emocionalmente sadio não apenas para si, mas também para os outros, de forma que eu e o outro possamos fluir em nosso viver/conviver de maneira mais harmoniosa possível. (p. 292)

O desenvolvimento desse processo harmonioso está intimamente relacionado com as atitudes do professor. Nesse sentido, Behrens (2006, p.21) indica que:

O professor, ao tomar o novo paradigma na ação docente, necessita reconhecer que complexidade não é apenas um ato intelectual, mas também o desenvolvimento de novas ações individuais e coletivas que permitam desafiar os preconceitos, que lacem novas atitudes para encarar a vida, que gerem situações de enfrentamento de medos e das conquistas.

Essa abordagem sugere a busca da visão do todo, e se caracteriza através da possibilidade de escolas e universidades organizarem um ensino complexo, integrador e holístico. Para isso, Behrens (2006) afirma que “a aprendizagem precisa focar uma formação com postura sociocrítica. Com essa nova caracterização, a Educação Superior tende a tornar-se um local relevante para a aprendizagem coletiva e individual”. A autora acredita que a principal função da educação em geral, seja o “movimento de proposição da aprendizagem para a vida.” (p.22)

Pensando na Educação Superior do século XXI, a autora acredita que especialmente os professores possuam uma prática pedagógica que contemple as seguintes visões:

Visão de totalidade – considera-se que a prática pedagógica deve superar a visão fragmentada, retomando as partes num todo significativo.

Visão de rede, de teia de conexão – considera-se que os fenômenos estão interconectados havendo uma relação direta de interdependência entre os seres humanos.

Visão de sistemas integrados – considera-se que todos os seres humanos devem ter acesso ao mundo globalizado, aumentando assim as oportunidades para construir uma sociedade mais justa, igualitária e integrada.

Visão de relatividade e movimento – considera-se que é essencial ter uma percepção de que os conhecimentos estão em constante movimento, qualquer esforço em solidificar a verdade poderá ser redimensionado em momentos subseqüentes por novas descobertas.

Visão de cidadania e ética – considera-se que a formação dos seres humanos deve estar alicerçada na construção da cidadania com uma postura ética, onde exista o respeito aos valores pessoais e sociais, espírito de solidariedade, justiça e paz. (BEHRENS, 2006 p.30)

Dessa forma, as diversas visões que necessitam ocorrer nos ambientes de aprendizagem, facilitam os processos reflexivos e interferem positivamente na aprendizagem, auxiliando o aluno a reconhecer esse pensamento complexo.

## CAPÍTULO III

### 7. ENSINO DO TURISMO

É difícil estabelecer exatamente quando a Educação em Turismo realmente começou, mas Matias (2002, p. 21), afirma que foi na Grã-Bretanha que se desenvolveu um treinamento para agentes de viagens e funcionários de agências de turismo. Alternativamente, geógrafos, economistas e outros podem alegar que suas matérias sempre foram incluídas no estudo de turismo e foi em função de suas disciplinas que o turismo começou a emergir como uma área de valor acadêmico.

Nos anos 70 e 80, em países desenvolvidos, os cursos de Turismo não estavam estabilizados e como não havia estrutura acadêmica ou institucional aceitável para tais cursos, eles se desenvolveram de maneira não planejada. Por exemplo, alguns cursos emergiram em departamentos de geografia, de ciências sociais, outros em recreação e esportes e os demais tiveram suas raízes em estudos de negócios e hotelaria. Isso resultou em uma área diversificada, com falta de consistência curricular em termos de qualidade e coordenação. Em alguns países, essa situação leva o setor público a intervir para padronizar as diversificações. Mais recentemente, como as matérias das áreas amadureceram, a auto-regulamentação de instituições e órgãos profissionais tornou-se mais comum.

Então, o desenvolvimento da Educação em Turismo nas últimas décadas tem passado por uma transição de foco e importância. Nos anos 70 e 80 o Turismo era apenas um suplemento para cursos mais reconhecidos, como arquitetura e geografia, aumentando a abrangência destes cursos. Como o mercado turístico fez aumentar o surgimento dos cursos de turismo que visam um diploma, a infraestrutura educacional e intelectual para o turismo está sendo estabelecida rapidamente.

A Educação tem grande importância para o turismo. Saviani (1991, p.33), afirma que a educação é a solução do problema da ineficiência, da incompetência, da falta de habilidade operacional, isto é, a falta de capacitação para o exercício de determinadas funções sociais. É que a educação habilita os indivíduos a exercer determinadas funções na sociedade no sentido de capacitá-los para serem membros produtivos no âmbito da sociedade. Segundo Fétizon (2001, p. 42), a educação é o processo por meio do qual o indivíduo constrói a própria humanidade - ou se auto-

constrói enquanto Homem. Trata-se do mecanismo de que o grupo humano dispõe para promover a autoconstrução da humanidade de seus membros. Em outras palavras, a construção da humanidade do indivíduo, faz-se a partir de seu próprio equipamento pessoal e da ação do grupo humano a que pertença.

## **7.1 Evolução dos conceitos sobre Turismo**

As primeiras definições surgiram no século XVII, na Inglaterra, referindo-se a um tipo especial de viagem. A palavra *tour* é de origem francesa e como muitas palavras do inglês moderno, se definem ligados à riqueza e a classe privilegiada (OLIVEIRA, 2001, p. 69).

Isso aconteceu porque, durante o tempo em que a Inglaterra esteve ocupada pelos franceses (normandos, século X até o século XIV), a corte passou a falar francês e o inglês escrito quase desapareceu. A palavra *tour* quer dizer volta e tem seu equivalente no inglês *turn*, e no latim *tornare*. O pesquisador suíço Arthur Haulot acredita que a origem da palavra está no hebraico *tur* que aparece na Bíblia como significado de viagem de reconhecimento. (ANDRADE, 2002, p. 25)

O Turismo é reconhecido como fenômeno, por estar despontando, no cenário acadêmico mundial muito recentemente, isto embora sua existência seja comprovada desde os primórdios e conhecido, equivocadamente, como indústria sem chaminés, por sua característica singular de poder integrar-se metaforicamente nos três setores de produção, sem deixar resíduos aparentes no meio ambiente.

O economista austríaco Hermann von Schullard compreende o turismo como: “a soma das operações, especialmente as de natureza econômica, diretamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região”. (WAHAB, 1977, p.23)

De acordo com Andrade (2002, p. 34), a partir da década de 30 que estudos para a compreensão do turismo foram ampliados. Surgiu na Universidade de Berlim, na Faculdade de Economia, um Centro de Pesquisas Turísticas. Os estudiosos englobavam aspectos culturais e sociais, admitindo novas motivações além das recreacionais. Pode-se citar como exemplo, o conceito de Morgenroth: “tráfego de pessoas que, temporariamente, afastam-se de seu local fixo de residência para

deter-se em outra localidade, com o objetivo de satisfazer desejos de natureza diversa, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais”.

O mesmo autor cita que convém destacar alguns elementos implícitos na prática da atividade turística para assim caracterizá-la, sendo: a viagem ou o deslocamento um elemento temporal e espacial; a permanência do sujeito no ato turístico como parte integrante, cujas variáveis classificam o fluxo turístico, podendo ser natural, artificial, de produção de serviços que dotados de apropriabilidade, recebem um valor econômico.

Dessa forma, afirma-se que assim como os demais setores da economia moderna, o turismo depende do aprimoramento e exploração da natureza e das sociedades locais, pois para De La Torre (1992, p. 19):

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Por caracterizar-se como uma atividade econômica dinâmica, o turismo sofre mudanças e inovações constantes em função das novas exigências da demanda e da contínua competitividade dos mercados.

## **7.2 O Ensino Superior do Turismo no Brasil**

O interesse pelo ensino do Turismo no Brasil, na década de 70, aconteceu em função da importância da movimentação de divisas que já acontecia em outros lugares do mundo. De acordo com Rejowski (1996):

Nessa época, no Brasil, assim como em outros países, existia toda uma expectativa e credibilidade sobre o turismo como uma das “chaves que abriam as portas” do desenvolvimento econômico. Isso em função do *boom* do turismo massivo e a conseqüente movimentação e circulação de capital, cuja importância econômica já era reconhecida em todo o mundo. Informações eram veiculadas tanto em meios de comunicação especializados (revistas e boletins técnico-científicos), quanto em meios de comunicação de massa (jornais diários, programas de rádio e televisão), divulgando os aspectos positivos do turismo em toda a sua plenitude. (p.59)

A partir de 1970, empresários, políticos e estudiosos brasileiros passaram a se interessar por turismo. Conforme cita Rejowski (1998, p. 60) “[...] já estavam em atuação o Conselho Nacional de Turismo – CNTur – e a Empresa Brasileira de Turismo – EMBRATUR –, criados em 1966. Publicaram-se livros sobre temas básicos, fundaram-se os primeiros cursos superiores, realizaram-se os primeiros eventos acadêmicos de caráter técnico-científico[...]

A autora comenta que ao contrário do que aconteceu em países europeus e nos Estados Unidos, o primeiro curso superior de turismo não surgiu na forma de uma disciplina dentro dos cursos já assentados no meio acadêmico, como geografia, economia ou administração, e tampouco como um curso superior de hotelaria. “Em 1971, a Faculdade de Turismo do Morumbi (hoje Anhembi-Morumbi), em São Paulo, iniciou seu primeiro curso, na qualidade de uma instituição de ensino privado” (REJOWSKI, 1998, p.62).

Referindo-se ao primeiro curso implantado no Brasil, Trigo (1998, p. 221) afirma que “o primeiro currículo foi elaborado pelo professor Domingo Hernandez Peña, após um levantamento nas escolas européias, e adaptado à realidade brasileira”.

Após o curso da Faculdade de Turismo do Morumbi, vários outros cursos se estabeleceram no país. De acordo com Rejowski (1998), a ordem cronológica é a seguinte:

Nos anos 70 surge a maioria dos cursos superiores de turismo, em nível de graduação, como os da Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, em 1973, em São Paulo; da Faculdade da Cidade, em 1974, no Rio de Janeiro; e da Faculdade Associação Educacional do Litoral Santista, em 1976, em Santos. No âmbito universitário propriamente dito, o primeiro curso de turismo aparece no segundo semestre de 1973, especificamente na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, ligado ao então Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Publicidade. Surge depois em outros institutos universitários como na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em 1974, e na Universidade Católica de Pernambuco, em 1975. (p.63)

No estado do Paraná, o primeiro curso de Turismo foi oferecido em 1978, pela Universidade Federal do Paraná. O curso é noturno, possui uma entrada de 44 alunos através de vestibular anual e funciona atualmente no *campus* central (FRITOLI, 2007).

De acordo com alguns autores como Rejowski (1998) e Trigo (1998), a conseqüente criação de diversos cursos ofertados nas décadas de 80 e 90 é

conseqüência da constatação do grande potencial de desenvolvimento turístico que o Brasil possui, acarretando em um importante vetor para o desenvolvimento econômico do país.

Os cursos de Instituições de Ensino Superior (IES), no Brasil, são orientados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 e à luz dessas orientações são formuladas Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para cada curso de graduação. Dessa forma, todas as IES são orientadas a seguir um determinado conjunto de disciplinas para um aproveitamento qualitativo dos cursos, assegurando também certa flexibilidade para atender as diferentes contextualizações.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Bacharelado em Turismo determinam o conteúdo mínimo e a duração do curso englobando temáticas a serem apresentadas no projeto pedagógico.

Portanto, conforme o Modelo de Enquadramento das propostas de Diretrizes Curriculares Nacionais do Ministério de Educação (2000, p.02):

O sucesso profissional do Bacharel em Turismo dependerá da solidez da formação técnica, da ampla formação cultural (vertical e horizontal), adquiridas no curso de graduação, mas também em grande medida de sua capacidade de “aprender a aprender”; sua auto-confiança, sua sensibilidade; determinação, nível de organização pessoal e no trabalho; sua habilidade de trabalho em equipe e facilidade de adaptação a contextos novos; sua criatividade; espírito inovador; poder de liderança; decisão; confiabilidade e habilidade comunicativa; capacidade de síntese, de crítica, de inovação; além de sua atualização tecnológica e domínio de idiomas.

Quanto ao perfil das disciplinas que devem compor a estrutura curricular dos cursos de graduação em turismo, as DCN (2000) sugerem conteúdos de formação básica que conjugam várias áreas do conhecimento das Ciências Sociais e Humanas, atendendo ao apelo multidisciplinar próprio do turismo. Já os conteúdos específicos têm um caráter bastante profissionalizante que engloba os mais distintos segmentos de atuação mercadológica que comporta a diversificada atividade turística.

De acordo com as DCN, são sugestões para matérias de conteúdos de formação básica: “Administração, Antropologia, Direito, Economia, Estatística, Estudos Brasileiros, Filosofia, Geografia, História, Língua Portuguesa, Metodologia

Científica, Psicologia, Sociologia, Contabilidade”. Para tanto, esses conteúdos deverão:

- ser adotados como objetivo de trabalho para o desenvolvimento de habilidades envolvendo matérias de formação básica, instrumental e tópicos emergentes.
- proporcionar a integração curricular através de mecanismos tradicionais e inovadores, possibilitando ao graduado a capacidade de abordagem multidisciplinar, integrada e/ ou sistêmica;
- propiciar o balanceamento entre a teoria e prática;
- propiciar a padronização mínima de conhecimentos para dar oportunidades de contemplar as características regionais;
- contemplar a iniciação científica, podendo ser adotada regularmente como estratégia de ensino, possibilitando a integração ensino/pesquisa e o desenvolvimento de alunos interessados na docência. (p.08)

Já os de conteúdo específicos têm como objetivo, colocar o aluno em contato direto com suas futuras atividades profissionais, como as relacionadas à organização de eventos, à administração de restaurantes, às noções básicas de hotelaria, entre outras.

Além das disciplinas, as DCN, se preocupam com o reconhecimento das habilidades e competências extra-escolares, quando sugere que:

As IES deverão privilegiar um ensino humanista, baseado na formação pessoal, acadêmica e profissional de seus alunos. Para isto, as IES passarão a considerar em seus currículos as atividades extra-escolares, que proporcionem o reconhecimento de habilidades e competências do corpo discente. Os objetivos das atividades extra-classe deverão ser orientadas pelas disciplinas sociais e técnicas em conjunto com a coordenação pedagógica do curso. Estas atividades poderão envolver uma classe ou uma turma em um aprendizado, orientadas diretamente por um professor responsável. (p.09)

Para que o profissional de Turismo seja competente, acredita-se que deva receber uma formação que contenha aspectos teóricos, práticos e éticos. Quanto aos aspectos teóricos, espera-se que “as diversas correntes do pensamento turístico estejam presentes em sua formação, possibilitando uma reflexão sobre o fenômeno, dentro do contexto passado, presente e futuro e suas inter-relações geográficas, sócio-culturais e econômicas” (DCN, 2000 p.05). As questões teóricas devem proporcionar um embasamento que possibilite o profissional a refletir sobre o turismo, tanto nas questões de planejamento e gerenciamento, quanto nas de produção, distribuição e comercialização.

Já quanto aos aspectos práticos, espera-se que “através de treinamento em laboratórios, empresas juniores, visitas técnicas, viagens e estágios supervisionados, possam ser capazes de instalar a competência com o manejo de técnicas e instrumentos em condições novas e desafiadoras” (p. 05 e 06). Espera-se que a experiência prática traga um constante pensar sobre “o que fazer”, “como fazer” e “por que fazer”, buscando constantemente e com criatividade, soluções para os problemas desta área.

Quanto aos aspectos éticos, espera-se que “o profissional de turismo tenha uma compreensão da ética não só profissional, mas também, a que deve existir na sociedade, na família, na economia, etc.” (p. 06). A partir das reflexões das normas e regulamentos éticos do turismo, é importante abranger questões como a cidadania, objetivando formar um profissional que colabora para a melhoria do mundo em que vive.

Portanto, para que haja sucesso no desenvolvimento das habilidades e aptidões, a universidade deverá estar comprometida com um ensino centrado nos fundamentos para uma educação do futuro como aprender a aprender, aprender a ser, aprender a fazer e aprender a conviver. (DELORS, 1999, p. 90).

### **7.3 A Educação e o Bacharel em Turismo**

Os bacharéis em Turismo são profissionais formados em cursos reconhecidos pelo Ministério da Educação, porém sua profissão não é regulamentada, a exemplo do que também ocorre com os profissionais de informática e publicidade e propaganda. Analisando-se as tendências de mercado no início da década de 90, percebe-se que os procedimentos como de terceirização, privatização e desregulamentação inibem os esforços para que profissões ligadas ao turismo sejam reconhecidas e regulamentadas. Segundo Trigo (1998, p. 205):

Em um mundo caracterizado por uma nova ordem econômica internacional, novas tecnologias e forte competitividade em mercados atingidos pelo desemprego, o profissional de turismo tem de se impor pela competência e pela eficiência. É necessário também que esse profissional tenha uma postura ética e não subestime a capacidade e as aptidões dos outros profissionais, graduados em diversos cursos superiores e que disputam empregos no turismo.

Por intermédio dessa informação, verifica-se que o setor é extremamente mutável, dinâmico e infelizmente ainda bastante instável, principalmente na realidade brasileira. Para uma educação adequada em turismo, Dencker (2002, p. 29) contribui com a seguinte afirmação:

A flexibilidade é uma dimensão essencial do ensino diante da complexidade e da incerteza que marcam a sociedade atual. A reforma que se processa e as alterações na regulamentação da educação abrem possibilidades reais para que docentes e alunos possam atuar em um espaço prático e crítico visando melhorar a qualidade do ensino. As novas dinâmicas de participação levam à democratização das estruturas, à revisão crítica dos conteúdos e à reconstrução do saber nas salas de aula.

Neste contexto, percebe-se que a reforma educacional é um processo permanente que acompanha e participa de forma ativa da evolução da sociedade. As mudanças ocorrem à medida que as inovações são incorporadas pelas instituições, processo que não ocorre de forma racional e imediata.

A formação de um profissional adequado às demandas de um mundo em constante transformação passa pela estruturação da universidade brasileira, para que possa ser um centro de educação superior permanente, como observa Buarque (1994) ao referir-se à necessidade de reconhecer que o aluno não é um produto pronto para ser absorvido pelo mercado. A idéia de que não se forma ninguém em definitivo torna premente a renovação da universidade.

Navegar com segurança em direção aos novos saberes requer uma utilização eticamente aproveitável do conhecimento, que concilie a dinâmica das descobertas à qualidade de vida da humanidade, como ressalta Buarque (1994, p. 16): “O caminho para o sonho, com a humanidade sendo enriquecida com novos valores éticos onde o ambiente seja preservado, onde a vida floresça livre e criativa, com certeza passará pela universidade”.

Esse compromisso da universidade com a organização dos valores, necessita estar de acordo com uma prática pedagógica coerente. A metodologia adotada nessa pesquisa será apresentada a seguir.

## CAPÍTULO IV

### 8. METODOLOGIA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

#### 8.1 A metodologia de projetos num Paradigma da Complexidade na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos

Na proposta de metodologia de projetos apresentados por Behrens (2006, p. 33) o termo projeto no processo pedagógico, “aparece com o sentido de proposição de uma prática pedagógica crítica, reflexiva e problematizadora”. A metodologia de ensino por projeto, inicialmente proposta por Dewey (p. 36), apresenta as seguintes características:

O verdadeiro método pedagógico consiste primeiro em tornarmo-nos inteligentemente atentos às aptidões, às necessidades, às experiências vivenciadas pelos educandos e, em segundo lugar, em desenvolver estas sugestões de base de tal forma que elas se transformem num plano ou num projeto que, por sua vez, se organize num todo assumido pelo grupo.

É uma proposta de atividade educativa para a produção do conhecimento, onde os alunos possuem autonomia e espírito crítico. Esta metodologia foi se desenvolvendo e se reinventando com o passar dos anos. Cosme e Trindade, citados por Behrens (2006, p. 37) afirmam que:

A Metodologia de Projetos pode ser entendida como um “método de trabalho que se define e configura em função da resolução de problemas, caracteriza-se como uma ação decidida, planejada e implementada por um grupo de trabalho organizado para o efeito”, e complementa: “Embora a Metodologia de Projetos se construa a partir de um conjunto de etapas articuladas entre si, cremos que a sua identidade metodológica deverá ser compreendida, também, em função do modo e das razões que justificam a emergência desse problema como motivo do investimento dos alunos e, neste sentido, como uma oportunidade educativa singular”.

A necessidade de encontrar uma metodologia que leve a uma visão integrada, complexa e global do conhecimento, é primordial para que exista a análise do programa de aprendizagem em questão. Para Dencker (2002, p.45):

A educação superior deve assumir a formação das competências necessárias para a atuação neste novo contexto ao preparar os alunos para participarem do processo de construção do conhecimento. As visões

mecanicistas devem ser superadas dando lugar a uma formação holística, capaz de gerar novas respostas e de criar alternativas promissoras, principalmente onde a desigualdade social é muito grande como no Brasil. É preciso buscar soluções éticas em que a ciência se apresente engajada não apenas na produção, mas na aplicação do conhecimento.

Dentro dessa perspectiva, o programa de aprendizagem que inicialmente tem um caráter técnico onde a proposta é de se elaborar roteiros turísticos, deixa de ser mecanicista e passa a ter um enfoque globalizador, aliando informações com produção de conhecimento no cotidiano do aluno.

A proposta centra-se na realização de várias formas de aprendizagem, que primeiramente reúnem um referencial teórico sobre o assunto, para dar fundamento às pesquisas e análises dos destinos turísticos que serão estudados durante o semestre. Embora o ponto de partida seja o levantamento de informações, (nem sempre bibliográficas), o objetivo não é a elaboração de uma monografia, e sim de trabalhos e de textos que serão propostos ao aluno, culminando num trabalho em grupo que é a vivência final.

Após a apresentação do programa de aprendizagem aos alunos no primeiro dia de aula, os alunos são instigados a elaborar seu primeiro roteiro turístico, que nada mais é que colocar no papel o roteiro que faz todos os dias da sua casa até a sala de aula. Nessa atividade, percebe-se que o caminho rotineiro não deixa de ter atrativos, distâncias a serem percorridas e principalmente a existência de um tempo cronológico para sua realização. O grande problema encontrado pelo aluno é saber o nome das ruas que compõe esse roteiro. Por mais que o faça todos os dias, não presta atenção ao que está ao seu redor, e pede ajuda aos colegas e a professora, que leva um guia de ruas de Curitiba que poderá ser consultado pelos alunos.

Essa primeira atividade vem de encontro com a metodologia de projetos que enfatiza a necessidade de partir de um processo de aprendizagem que tem sentido para os alunos. E ainda:

A complexidade, a diversidade, a mobilidade das situações e das decisões exigem o envolvimento do professor e dos alunos em uma interconexão entre a concepção e a execução da ação. Essa compreensão proposta numa visão crítica e ética possibilita transportar a vivência e a aprendizagem do projeto para outras situações reais que os alunos enfrenta na vida. (BEHRENS, 2006, p.43)

Logo após o exercício proposto, é enfatizado no decorrer das aulas a importância do referencial teórico, e a seqüência das informações que parte de

roteiros locais, vão adquirindo um nível maior de complexidade até a elaboração de roteiros internacionais. Para chegar nessa etapa, passam por algumas situações práticas, que serão preparatórias para o trabalho de final de semestre.

Após a aula expositiva sobre características dos roteiros locais, é proposto um trabalho em equipes onde é realizado um concurso de roteiros locais. Esse roteiro precisa ser aliado a um tema que é escolhido pelos componentes da equipe. Após a elaboração e a pesquisa dos alunos, os roteiros são propostos através de apresentação e posterior escolha para a realização da prática. A equipe mais votada é responsável pela execução da atividade, que acontecerá numa próxima aula e todos os alunos participam “testando” o roteiro proposto.

Zaballa, citado por Behrens (2006, p. 44), indica que a metodologia de projetos: “Vincula as atividades escolares à vida real, tentando que se pareça com ela o máximo possível. Dá-se importância aos impulsos das ações, das intenções e aos propósitos e às finalidades da ação”.

Essa abertura ao diálogo com os alunos, sugere uma postura de um docente mediador, inclusive de conflitos, pois esse processo investigativo de conhecimento é contemplado por diferentes pontos de vista e pela multiplicidade de opiniões. Behrens (2006, p. 49 e 50) lembra que:

Num primeiro momento, as atitudes individualistas e conservadoras são pautas de discussões no grupo e merecem ser atendidas e articuladas pelo professor, que tem o papel de mediador do novo processo. O professor que não está habituado a propor situações de diálogo e de questionamento sente dificuldade inicial para abandonar a abordagem tradicional, conservadora e autoritária para conviver com seus alunos.

Se a proposta do docente é articular o saber elaborado à produção do conhecimento do aluno, as aulas teóricas e avaliação em forma de prova individual ainda estão presentes nesse programa de aprendizagem. No primeiro bimestre, o aluno é submetido a uma avaliação escrita, para retomar os pressupostos teóricos da disciplina, mas é por intermédio de uma série de atividades realizadas no decorrer do período é que será avaliado efetivamente.

De acordo com BEHRENS (2006, p. 79):

[...] as avaliações devem ser propostas de maneira gradual, processual e podem incluir exercícios, pesquisas, elaboração individual e coletiva de textos, resolução de problemas, montagem de relatórios, além de outros recursos que o professor julgar pertinente. O docente pode também optar

por realizar prova, mas recomenda-se que não seja este o único instrumento avaliativo utilizado durante o semestre. O acesso a todos os instrumentos de avaliação corrigidos é um direito do aluno e dever do professor. Ressalta-se que o foco é a aprendizagem do aluno e não simplesmente atribuição de notas.

Sobre as muitas estratégias que podem compor um processo avaliativo, Masetto (1998, p. 44) afirma que é muito diferente passar informações sobre certa área do conhecimento e cobrar isso numa prova, daquilo que se espera hoje de um profissional, considerado não como o que desenvolve somente o domínio técnico, mas sim o que desenvolve possíveis soluções. Para formar esse profissional, é fundamental favorecer o relacionamento do aluno com a matéria, para que ele possa melhor compreendê-la, de modo que o conhecimento construído possa ser devolvido ao professor durante o processo avaliativo.

Outra proposta que merece atenção especial nesse programa de aprendizagem é a elaboração de roteiros estaduais. Esse trabalho conta com certo nível de dificuldade, pois não permite cópia de roteiros já formatados e comercializados pelo mercado. Os alunos têm liberdade em escolher os estados brasileiros que desejam elaborar os roteiros, desde que não haja duplicidade. É sorteado entre as equipes o público alvo que será destinado a confecção do roteiro como: grupos de terceira idade, debutantes, arquitetos, empresários, estudantes universitários, senhoras, crianças, entre outros.

O grau de dificuldade desse exercício se dá em função de que o roteiro precisa contemplar alguns itens como: nome fantasia, base de 20 passageiros para os cálculos, 15 dias de viagem, hospedagem em hotéis categoria turística, o regime de alimentação deverá conter café da manhã todos os dias e mais duas refeições típicas, e o roteiro deverá ser do tipo “rodo-aéreo” onde inclui os trechos aéreos com a saída de Curitiba e o restante do roteiro com fretamento de ônibus de turismo.

O empenho dos alunos na realização dessa atividade faz com que se perceba que além das informações que são necessárias para a execução do trabalho escrito, a superação e a criatividade na apresentação oral é que fazem a diferença na finalização do trabalho. Através da utilização de materiais audiovisuais com o uso de imagens de impacto, as equipes colaboram para com que todos os alunos aprendam sobre vários estados do Brasil. Behrens (2006, p.80) fundamenta que:

Alerta-se os docentes para buscarem caminhos de superação das pesquisas (trabalho escolar) feitos sem direcionamento, sem a organização de itens a serem pesquisados, sem problematização claramente constituída. Os docentes sabem o resultado de pesquisas extensas e fotocopiadas. Para evitar tal procedimento, se torna necessário buscar pesquisas mais aprofundadas, realizadas a partir de problematizações, com indicadores de possíveis caminhos para orientar a elaboração própria do aluno com qualidade e relevância.

Para a elaboração de roteiros internacionais, o aluno pode contar com mais recursos tecnológicos, utilizando a internet. A existência de programas on line que calculam distâncias e disponibilizam informações sobre atrativos, multiplicam-se com o passar do tempo. Se no mundo do trabalho ele terá essa ferramenta disponível, nada mais adequado que aprenda com o professor no ambiente do laboratório de informática como tirar proveito da tecnologia disponível.

Outra modalidade de atividade que é proposta aos alunos, dentro dos moldes da metodologia de projetos, é sobre a apresentação de trabalhos de destinos exóticos. Esse trabalho é individual e o grau de dificuldade fica por conta da pesquisa de informações sobre lugares que não são comuns em roteiros comercializados no Brasil. Os itens necessários para a elaboração do trabalho escrito são os seguintes: mapa, como chegar, documentação necessária, idioma, religião predominante, moeda, principais pontos turísticos do país, comidas típicas e curiosidades. Esse trabalho é apresentado no final do semestre, onde percebe-se que o aluno já tem maturidade para esse tipo de pesquisa quando se depara com situações mais complexas de aprendizagem.

## **8.2 Planejamento por contrato didático na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos**

O contrato didático é um mecanismo metodológico para auxiliar o aluno na metodologia de projetos que leva ao processo de aprender a aprender. Perrenoud, citado por BEHRENS (2006, p. 75), propõe esse recurso com o objetivo de organizar a ação docente. Trata-se de uma proposta sempre em construção que prevê a discussão com alunos, tendo um processo de continuidade. Segundo Behrens e Alcântara (2000 apud BEHRENS p. 78):

O processo crítico leva a necessária ruptura na competição e no individualismo. O foco precisa recair na aprendizagem colaborativa, desencadeando processos de ajuda mútua, companheirismo, interesse pelo outro, na cooperação e na visão de que o sucesso individual leva ao sucesso coletivo. Assim a avaliação do projeto centra-se no sucesso da turma como um todo.

A elaboração do contrato didático no programa de aprendizagem produtos e roteiros turísticos, priorizou a seqüência de assuntos de uma esfera local, onde os alunos tem uma percepção melhor desses elementos através de uma vivência realista, para uma esfera totalmente abstrata que culmina com a apresentação de destinos totalmente desconhecidos, que é o caso dos trabalhos de destinos exóticos.

Para isso, a organização dos temas de estudo segue uma seqüência de etapas que são transpostas no decorrer do período, mas o aluno sabe exatamente onde precisa chegar. Essa transparência no processo é complementada pela seguinte citação:

Esse procedimento permite a exposição do programa de aprendizagem como um todo, a ser desenvolvido no semestre. O aluno deverá ter acesso aos programas e contratos com intuito de saber quais as competências que serão propostas e os temas que estarão envolvidos em cada projeto. (BEHRENS, 2006, p.78)

A partir do programa de aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos, que apresenta 72 horas durante o semestre, foi desenvolvido o seguinte cronograma, dividido por semanas, que correspondem a quatro aulas, ou dois encontros semanais:

Primeira semana: Apresentação e discussão da proposta da disciplina por meio do programa e do contrato didático. Discussão dos procedimentos pedagógicos e da avaliação. Atividade: elaboração de um roteiro escrito com o percurso entre o local de moradia e a sala de aula que se encontra. Discussão sobre as dificuldades encontradas para a elaboração do exercício.

Segunda semana: Apresentação da proposta da visita técnica, escolha da data e local da visitação. (Procura-se eleger um feriado para a aplicação da viagem e a escolha é feita através de sugestões dos alunos, escolhe-se três destinos que serão votados por todos, o vencedor é o destino com mais votos da turma).

Terceira semana: Aula expositiva dialogada sobre a evolução histórica dos roteiros turísticos. Proposta de trabalho em duplas sobre rotas mundiais consagradas.

Quarta semana: Apresentação do texto sobre roteiros locais. Leitura e comentário crítico. Produção individual de um exercício com exemplos de city tour e classificação. Produção coletiva de roteiros temáticos locais a pé pelo centro de Curitiba.

Quinta semana: Apresentação das equipes com as sugestões para a atividade prática de roteiro local. Votação e aplicação da prática com todos os alunos.

Sexta semana: Discussão reflexiva sobre a atividade prática. Apresentação dos orçamentos para a visita técnica do feriado e divisão das equipes. (Nesse momento os alunos elaboram um texto com a função de cada membro da equipe, para que alguns colegas não fiquem mais sobrecarregados de atividades que outros. Tendo isso por escrito, é mais fácil avaliar a ação da equipe e uma maneira de perceberem suas responsabilidades individuais perante o grupo).

Sétima semana: Aula expositiva dialogada sobre elementos da oferta turística e a importância na elaboração de roteiros. Leitura do texto: Roteiros Turísticos: fatores e influências. Discussão reflexiva sobre a importância do planejamento turístico na elaboração de roteiros.

Oitava semana: Apresentação da proposta de trabalhos temáticos sobre os estados brasileiros. Divisão das equipes, escolha dos estados e explicação sobre o trabalho escrito e apresentação oral.

Nona semana: Exposição teórica sobre a importância do guia de turismo. Leitura de textos, legislação vigente e apresentação de vídeos sobre o assunto.

Décima semana: Palestra com o guia de turismo internacional, Clóvis Bittar; (utilização de sala de projeção), avaliação da palestra através de relatório individual.

Décima primeira semana: aula expositiva sobre o cálculo do preço de venda de um pacote turístico. Explicação dos custos individuais e coletivos, exemplos e exercícios de cálculos.

Décima segunda semana: Apresentação dos trabalhos sobre os roteiros turísticos pelos estados (utilização de sala de projeção). Discussão sobre as dificuldades enfrentadas durante a realização do trabalho.

Décima terceira semana: Avaliação individual e devolutiva aos alunos.

Décima quarta semana: Aula no laboratório de informática para a apresentação do programa disponibilizado na internet sobre de cálculos de distâncias. Exercícios propostos de distâncias, quilometragem e tempo percorrido.

Décima quinta semana: Aulas disponibilizadas para a preparação da visita técnica. (De acordo com a data da visita técnica, essa semana poderá ser alterada, mas dois encontros são necessários para que as equipes tirem dúvidas e organizem-se).

Décima sexta semana: discussão crítica sobre a vivência e confecção de relatórios.

Décima sétima semana: Aula expositiva dialogada sobre os elementos para a elaboração de um roteiro internacional. Exemplos de roteiros internacionais através de material promocional de agências de viagens.

Décima oitava semana: Utilização de laboratório de informática para demonstração de guias turísticos disponibilizados na internet e sites de cálculos de distâncias internacionais. Estudo de caso: discussão sobre roteiros de operadoras de turismo de expressão no Brasil.

Décima nona semana: Demonstração do vídeo organizado pelos alunos da visita técnica e apresentação do trabalho sobre destinos exóticos. Escolha do país de acordo com a lista apresentada pela professora e itens obrigatórios do trabalho.

Vigésima semana: Apresentação dos trabalhos de destinos exóticos em sala de projeção.

Vigésima primeira semana: Devolutiva aos alunos sobre a avaliação por portfólios e encerramento da disciplina com a avaliação dos alunos sobre a metodologia aplicada durante o semestre.

É importante deixar claro que esse cronograma está sujeito a alterações durante o processo de aprendizagem.

### **8.3 A avaliação por *portfólio* na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos**

Durante o processo de aprendizagem, todas as avaliações que os alunos executam são consideradas importantes. Segundo Behrens (2006, p.103):

O portfólio como processo metodológico e avaliativo pode ser uma opção significativa dentro do trabalho por projetos. O processo de montagem de portfólio é tanto um modo de ensinar quanto um modo de avaliar, pois o portfólio apresenta-se como uma coleção de atividades, realizada em certo período de tempo e como um propósito determinado.

No programa de aprendizagem, de acordo com as atividades realizadas os alunos vão sendo avaliados de maneira contínua pelo trabalho desenvolvido. Assim existe o envolvimento dos alunos e eles sabem de suas responsabilidades. É muito mais trabalhoso para o professor e para os alunos, comparando com um dia de prova, porém nesse processo percebe-se a evolução e o comprometimento dos alunos no decorrer do processo.

No final do semestre, é necessário um dia de aula para a demonstração dos alunos em caso de dúvidas, pois as informações da nota final são baseadas na quantidade e qualidade das atividades desenvolvidas pelos alunos.

Dentre as várias atribuições do professor contempladas pelas propostas pedagógicas que caracterizam o paradigma da complexidade, cita-se como relevante a autonomia na produção de conhecimento refletido no material didático próprio e na criação de estratégias diferenciadas que possam renovar as práticas didáticas, personalizando-as em função da necessidade de seu projeto pedagógico.

#### **8.4 A Ação Pedagógica Inovadora em Produtos e Roteiros Turísticos**

O processo pedagógico orientado para a construção do conhecimento que contemple as várias dimensões do pensamento complexo e que busque superar a fragmentação, faz com que as ações do professor universitário sejam repensadas.

O Projeto Pedagógico da PUC-PR para os cursos de graduação é denominado Programa de Aprendizagem, o que é chamado de disciplina em outras instituições de ensino. Essa diferença faz com que o aluno tenha um contrato didático para cada programa de aprendizagem, que contempla informações passadas aos alunos no início do semestre, referentes a ementa do programa, objetivos, temas de estudo e a metodologia que será adotada para que no final do semestre, o aluno verifique se conseguiu desenvolver as habilidades, aptidões e competências propostas.

Diante desse panorama, a ementa do Programa de Aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos, que faz parte do Projeto Pedagógico do Curso de Turismo da PUC-PR, promove que o aluno seja capaz de fazer uma “Análise da importância da elaboração de roteiros turísticos no contexto do planejamento do turismo, posicionando-os como elementos de ordenação e utilização da oferta turística e de atrativos, diversificadores de destinações turísticas reorientadores da sazonalidade e dos fluxos turísticos. Salientar o caráter de atuação nas dimensões espacial e temporal do fenômeno turístico e suas múltiplas relações, concretização e inserção de novas modalidades e atrativos”.

Através dos temas de estudo, as aulas são organizadas em forma de cronograma que contemple 21 semanas durante o semestre, ou seja, 72 horas de carga horária. A metodologia utilizada compreende a análise de textos, aulas

expositivas, atividades de trabalhos individuais e em grupos, utilização de vídeos, laboratórios de informática, e visitas técnicas. Os procedimentos de avaliação são efetuados em forma de uma prova escrita no início do semestre, para contemplar a teoria referente ao programa e a avaliação por *portfólio*, que inclui a apresentação de trabalhos escritos individuais e em equipes feitos durante o semestre.

Nesse contexto desafiador, ao propor uma prática pedagógica inovadora pensou-se aqui em uma metodologia que não só oferecesse aos alunos a possibilidade de integrar conhecimentos teóricos e práticos concernentes a elaboração de roteiros turísticos, como também que lhes permitisse refletir através de uma atuação prática. Criar uma proposta de trabalho diferenciada para o ensino de Produtos e Roteiros Turísticos pode contribuir para desmistificar a idéia corrente de que organizar uma visita técnica é fácil e que todos ficam satisfeitos ao participar de uma viagem, num destino previamente aceito pela maioria dos alunos.

## CAPÍTULO V

### 9. CAMINHADA NA PESQUISA-AÇÃO

#### 9.1 Procedimentos metodológicos

Para a realização deste trabalho, optou-se por uma metodologia com uma abordagem qualitativa e de pesquisa-ação. Justifica-se essa opção pela exigência do pesquisador desenvolver um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Pesquisar significa, de forma bem simples, procurar respostas para indagações propostas e, conforme Minayo (1999, p. 23), vendo por um prisma mais filosófico, a pesquisa é:

atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados.

A pesquisa quantitativa, conforme Triviños (1987), considera que tudo pode ser quantificável, o que significa traduzir, em números, opiniões e informações para somente então classificá-las e analisá-las. Esse tipo de pesquisa requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, etc.).

Já a pesquisa qualitativa, conceitualmente, apresenta-se como uma forma de compreensão de atividades específicas de investigação, que podem ser caracterizadas por traços comuns e facilitam, ao pesquisador, uma visão mais clara do que deve ser feito para a interpretação da realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Lüdke e André (1986) e Triviños (1987) se referem a cinco características da pesquisa qualitativa. A primeira delas se refere ao ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento, o que supõe o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação investigada. A segunda característica implica na descrição dos dados coletados, isto é, que todos os dados da realidade são importantes. A terceira requer maior preocupação com o processo do que com o produto. A quarta se refere ao significado como preocupação central, ou seja, a

atenção do pesquisador em captar a visão dos participantes. A última característica do pesquisador qualitativo pressupõe a tendência ao processo indutivo na análise dos dados. Isso significa que o pesquisador aprende a realidade, interpreta o fenômeno numa situação real e concreta. (In: GABARDO, 2007, p. 10).

A pesquisa-ação, para Thiollent (1992, p.13) “procura mostrar como é possível estabelecer vínculo entre o raciocínio hipotético e as exigências de comprovação, e, por outro lado, as argumentações dos pesquisadores e participantes”.

A caminhada metodológica que se desencadeou nesse processo, permitiu observar que a pesquisa-ação é participativa, pois a participação das pessoas implicadas nos problemas investigados é absolutamente necessária, existindo uma intervenção para a transformação da realidade.

Conforme Thiollent (1998, p.16), existem seis princípios básicos para a pesquisa-ação:

- Há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- Desta interação resulta a ordem de prioridades dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta;
- O objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontradas nesta situação;
- O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- Há, durante o processo, um acompanhamento das decisões das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- A pesquisa não se limita a uma forma de ação; pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores ou o nível de consciência das pessoas e grupos considerados.

Alguns pesquisadores apreciam a pesquisa-ação como uma nova agenda colaborativa entre o pesquisador profissional e os atores sociais na definição dos objetivos, na construção das questões da pesquisa, no aprendizado das habilidades de pesquisa, na definição do conhecimento e dos esforços, na condução da pesquisa, na interpretação dos resultados e na aplicação do que foi aprendido, a fim de produzir uma mudança social positiva (CHIZZOTTI, 2006, p. 85).

Ainda, a pesquisa-ação, para Thiollent “procura mostrar como é possível estabelecer vínculo entre o raciocínio hipotético e as exigências de comprovação, e, por outro lado, as argumentações dos pesquisadores e participantes” (1992, p. 13).

Como afirma o autor, a pesquisa-ação é uma orientação destinada ao estudo e à intervenção em situações reais, que apresentem como alternativas os tipos de pesquisa convencionais. A pesquisa faz com que os educandos sejam submetidos a indagações, a dúvidas, desfazendo a tendência à reprodução do conhecimento. Demo, contribui com a seguinte afirmação:

uma coisa é aprender pela imitação, outra pela pesquisa. Pesquisar não é somente produzir conhecimento, é sobretudo aprender no sentido criativo. É possível aprender escutando aulas, tomando nota, mas aprende-se de verdade quando se parte para a elaboração própria, motivando o surgimento do pesquisador que aprende construindo". (1990, p. 44)

A pesquisa-ação implica sempre em uma ação, em uma transformação. Thiollent afirma que: "há uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada" (1996, p. 16). E mais: é necessário haver a interação do "aprender a aprender" com o "saber pensar", o "saber ser", e o *savoir-faire* (saber-fazer). O alerta de Behrens, reforça a questão da pesquisa:

que para o professor, esta nova caracterização do seu papel, deverá vir acompanhado da capacidade de fazer pesquisa, de tornar a pesquisa uma atitude cotidiana, ter competência de elaboração própria, saber teorizar e saber sedimentar a prática com referenciais teóricos existentes. Como construtor do conhecimento novo, poderá readquirir sua credibilidade nos meios acadêmicos e ultrapassar as críticas, tornando-se competente, criativo, produtivo e transformador da realidade" (In: WITIUK, 1999, p. 69).

Diante dessas informações apontadas pelos autores, pode-se dizer que, em virtude da produção do conhecimento enquanto processo de pesquisa, a proposta apresenta características de cunho qualitativo e de pesquisa-ação.

## **9.2 O desenvolvimento da vivência na prática pedagógica**

Com o objetivo de colocar em ação novos procedimentos de ensino mais adequados ao perfil do aluno, elegeu-se como objeto de pesquisa uma prática pedagógica inovadora no Programa de Aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos, subsidiada por recursos de atividades práticas que possibilitaram situações interativas e reais para a produção do conhecimento.

Os sujeitos da pesquisa foram alunos do 7º período do Curso de Turismo, que foram convidados a participar da metodologia. Vale ressaltar que até aquele

momento, esses alunos não tinham participado de nenhuma visita técnica do curso que contemplasse pernoite em algum destino turístico.

A inserção dessa metodologia no programa visava formar um profissional contextualizado, com capacidade para verificar a realidade por meio de ações práticas. Isso privilegiou a autonomia do aluno e proporcionou-lhe o poder de escolha e o envolvimento dos educandos, logo no momento inicial da escolha do destino turístico a ser visitado.

A proposta focalizou os seguintes aspectos. A escolha da data para um melhor aproveitamento, necessitava contemplar um feriado. O mais adequado foi o feriado prolongado de Corpus Christi, entre os dias 25 a 29 de maio de 2005.

O meio de transporte escolhido foi o ônibus de turismo fretado para essa atividade, e as cidades escolhidas para a visita foram Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Garibaldi durante o trajeto de ida. A hospedagem aconteceu em Canela, no Hotel Vila Verde, um Hotel-Escola da Universidade de Caxias do Sul, que em função disso as tarifas se tornaram acessíveis. Tendo como Canela a cidade de apoio, nos outros dias, as cidades contempladas para visita foram: Gramado, Canela, Nova Petrópolis e ainda a visita ao Parque Nacional de Aparados da Serra, localizado no município de Cambará do Sul.

A metodologia envolveu, num primeiro momento, o estudo sobre os locais escolhidos para visita. Após esse momento, houve o sorteio das equipes de acordo com as atividades já definidas pela professora. Caso alguma equipe quisesse mudar de função, isso poderia ser feito desde que fosse trocado de comum acordo com outra equipe. Dessa forma, verificou-se que os componentes das equipes concordaram com suas funções. Depois, com a formação das equipes, pôde-se observar o desenvolvimento do trabalho que ficou estabelecido da seguinte forma:

*Equipe responsável pelo roteiro escrito:* Os alunos que não puderam fazer parte da visita técnica, ficaram responsáveis pelas informações turísticas sobre os locais que seriam visitados e confeccionaram um “pequeno guia turístico”, que foi entregue para os participantes antes da viagem.

*Equipe responsável pela alimentação:* Essa equipe ficou responsável em organizar as paradas previstas para almoços e jantares, coletando informações sobre os restaurantes, preços e efetuando as reservas em nome do grupo.

*Equipe de Informações Turísticas:* Os alunos que foram sorteados para essa função no programa, ficaram responsáveis por informações turísticas durante o trajeto, já que de acordo com a legislação vigente, um guia de turismo foi contratado para dar as informações nas cidades visitadas. Essa equipe também teve a função de controlar o cumprimento de horários das visitas programadas.

*Equipe de Recreação:* Tinham o principal compromisso de sociabilizar os alunos através da organização de atividades lúdicas durante a viagem.

*Equipe de Suporte:* Foram responsáveis pela parte operacional. Listas de presenças, contagem do número de alunos dentro do ônibus em cada parada, organização da configuração dos participantes nos apartamentos no hotel, providenciaram material de primeiros socorros e fiscalização de gastos extras. A fiscalização de gastos extras, foi uma iniciativa em verificar, a título de curiosidade, quanto um grupo gasta numa viagem. Cada parada que era possível a compra de lembranças, chocolate, camisetas, etc, o grupo ficava de anotar o valor gasto, para no final ser efetuada a soma de valores. Durante a viagem houve uma grande expectativa entre os alunos para saberem com quanto contribuíram para a atividade turística local com esses gastos.

*Equipe de comunicação:* Os alunos ficaram responsáveis em organizar as fotos tiradas durante a viagem e elaborar um material que fosse disponibilizado para todos os alunos participantes da visita técnica. Além da confecção de um vídeo, que foi apresentado no momento da avaliação da proposta, esses alunos abriram um e-mail específico para o compartilhamento de imagens entre eles.

A metodologia empregada, que privilegiou a autonomia e criatividade do aluno e proporcionou-lhe relativa liberdade para escolher recursos variados que enriqueceram a pesquisa, demandou um trabalho intenso que surpreendeu os grupos envolvidos. Essa surpresa pode ser creditada à ausência de prova no processo de avaliação do segundo bimestre e muitas reuniões que foram necessárias para discutir o assunto em sala.

A metodologia envolveu, num primeiro momento, discussões sobre as cidades que seriam visitadas, hospedagem, custos, alimentação e informações pertinentes a esses destinos, como quilometragem percorrida e atrativos escolhidos para a visitação. Após a realização da visita técnica, num segundo momento houve a apresentação do vídeo em sala de aula, onde os alunos puderam identificar os

momentos que mais aprenderam com a realização da atividade e fazer a avaliação de todo o processo de aprendizagem.

É importante salientar, que o fato dos alunos estarem cursando o final da graduação e as equipes ficarem responsáveis por ações que fazem parte de disciplinas já estudadas, trouxe um enfoque interdisciplinar na vivência. Essas contribuições foram fundamentais para o entendimento do fenômeno turístico como um todo, onde procurou-se eliminar os efeitos causados por abordagens parciais.

### **9.3 As contribuições dos participantes da pesquisa**

A criação de situações de aprendizagem por meio de metodologias inovadoras colocou os participantes da pesquisa frente à experiência de trabalhar em diferentes equipes, num projeto único, onde todos tinham um objetivo comum, mas com funções diversas. Os alunos foram denominados por Aluno 01 a Aluno 40, para salvaguardar o anonimato na pesquisa.

#### **9.3.1 Mudança desencadeada pela vivência na metodologia**

Esta mudança significativa aparece nos seguintes depoimentos:

“A relação entre a teoria e a prática tem uma grande ligação, já que na matéria de roteiros turísticos aprendemos como é difícil programar passeios, estipular horários, coordenar um grupo para que tudo saia conforme planejado, sem transtornos. Na viagem isso foi observado, pois cada grupo teve sua responsabilidade e nada de errado aconteceu.” (Aluno 28)

“A visita técnica serviu para unir mais a turma e mostrar como é trabalhoso organizá-la. Os grupos formados tinham cada um sua dificuldade. Desde a elaboração do roteiro, até a preocupação com medicamentos, caso alguém precisasse.” (Aluno 31)

“A organização dos grupos e a divisão das tarefas foram muito bem empregadas, proporcionando a participação de todos na organização da viagem.” (Aluno 20)

“A forma como foi organizada nossa visita técnica, a forma que fomos envolvidos com a organização, foram interessantes para conhecermos o funcionamento e trabalho exigidos na organização destas viagens, os problemas e a satisfação que podem gerar nos participantes”. (Aluno 14)

De acordo com os depoimentos, a mudança significativa acontece em função da organização da viagem, onde o aluno começa a participar das diversas tarefas que vão se multiplicando com o passar do semestre. Muitos são surpreendidos pela abundância de informações, pelo tempo necessário para articular todos os elementos e principalmente pelo esforço da equipe em busca de um resultado satisfatório.

### **9.3.2 A relação teoria e prática no processo metodológico**

Percebe-se que a possibilidade de dividir as tarefas com os colegas, tornou mais dinâmica e interessante a elaboração da vivência. Essa atividade também demonstrou a percepção dos alunos em relação à diferença entre teoria e prática de ensino, e a importância da experiência na futura vida profissional, como se pode verificar nestas contribuições:

“A visita técnica como metodologia de ensino no curso de graduação em Turismo é muito importante para que os alunos possam aplicar na prática, e de forma prazerosa, o que aprendemos em sala de aula. Com a viagem analisamos como ela deve ser executada, planejada e organizada. Vemos o que é positivo ou não. É essencial como experiência para a vida profissional do bacharel em turismo”. (Aluno 07)

“Acredito que a visita técnica como metodologia de ensino é um fator essencial, pois permite que os alunos vivenciem a teoria. Faz com que possamos cuidar desde os preparativos até conhecer o destino, analisando seu desenvolvimento turístico e os atrativos apresentados. Permite que tenhamos parâmetros tanto para vender, como para planejar o destino turístico como turismólogos. Vejo a viagem como complemento de ensino. Muito importante na formação do acadêmico em turismo”. (Aluno 10)

Nota-se o que os alunos conseguem perceber que a teoria é importante, mas sem a prática ela perde o sentido. Conseguem definir que o planejado em sala de aula nem sempre acontece no momento que estão em campo. Principalmente nessas informações eles já conseguem visualizar a experiência no âmbito profissional.

### **9.3.3 Abordagem teórica no processo metodológico**

É importante verificar que apesar da diversidade de atividades metodológicas utilizadas nesse programa de aprendizagem, as aulas teóricas são lembradas pelos alunos, e o ambiente tradicional de sala de aula é presente em algumas manifestações:

“É uma forma de trazer para a realidade as teorias que aprendemos em sala de aula, é uma maneira de conhecer atrativos turísticos e poder analisá-los melhor, pois tivemos o conhecimento aprendido em sala. A viagem para a Serra Gaúcha foi um aprendizado, junto com diversão”. (Aluno 22)

“Foi uma forma bastante eficaz de aplicar a teoria que aprendemos em sala de aula. Com a visita pudemos perceber a organização e o funcionamento de um roteiro turístico, sendo aplicado o conteúdo passado nas aulas. Através da viagem, avaliamos o desempenho não só da criação do roteiro, mas

também de toda a infra-estrutura envolvida e os serviços fornecidos nos destinos que passamos”. (Aluno 30)

De acordo com as descrições acima, é possível avaliar que o aluno consegue distinguir os momentos de trabalho, de aprendizagem e os momentos de diversão com a interação dos colegas. Durante a vivência, pôde-se perceber que os comentários entre os alunos eram sempre carregados de criticidade, principalmente em relação a infra-estrutura de atendimento ao visitante.

Vale lembrar que a avaliação da proposta foi organizada na próxima aula após a viagem, onde o espírito crítico e as novidades observadas durante a vivência ainda estavam presentes na memória dos participantes. A equipe responsável pela organização das fotos e da elaboração do vídeo da viagem, estava em processo de organização do material. Houve a sugestão da criação de um endereço eletrônico para que fosse disponibilizada a visualização das fotos de todo o grupo, o que facilitou a divulgação da experiência entre outros alunos do curso.

Para finalizar a prática, na semana seguinte houve a apresentação do vídeo na sala de projeção, onde alunos entusiasmados puderam lembrar de alguns acontecimentos durante a viagem. Pôde perceber a validade da proposta no fechamento desse ciclo de atividades.

#### **9.3.4 A avaliação do programa de aprendizagem**

Na construção do conhecimento, os alunos desenvolveram o poder de argumentar sobre a metodologia aplicada durante o semestre. A elaboração de relatórios que compuseram o *portfólio*, inclui uma auto-avaliação, que além de demonstrar o que foi aprendido, fez com que os alunos relatassem as dificuldades apresentadas durante o processo, observadas principalmente na a execução dos trabalhos propostos.

“Tive dificuldade na elaboração do trabalho sobre os estados. Foi difícil organizar um roteiro por um lugar que nunca tinha ido antes. Algumas informações foram difíceis de serem encontradas e muitas vezes não sabíamos se elas estavam corretas. Os preços também foram complicados de calcular,

pois tínhamos que fazer pesquisas baseadas em custos reais. Como o roteiro era mais extenso que o comum, não tínhamos como nos basear em algum já pronto, pois os roteiros são geralmente elaborados pelas operadoras para permanência de, no máximo, uma semana.” (Aluno 13)

“Senti dificuldade na elaboração do trabalho sobre a criação de um roteiro, em um estado brasileiro. Foi difícil encontrar informações mais específicas que o roteiro exigia. Não se podia fugir do que se pedia”. (Aluno 02)

“A dificuldade que tive nessa disciplina foi de desenvolver detalhadamente o dia a dia do roteiro”. (Aluno 39)

“A maior dificuldade é a falta de experiência, pois não é possível saber o quanto de tempo deve ser deixado para cada atividade ou atrativo, quantos atrativos visitar em um dia, como agir com um grupo, enfim, coisas que só é possível se aprender com o tempo, na prática e não na teoria”. (Aluno 04)

“Tive dificuldade no cálculo do preço do roteiro, pois como por muito tempo na empresa que eu trabalhava eu calculava de uma forma diferente, foi difícil entender que o jeito que eu fazia estava errado”. (Aluno 11)

Sobre as muitas estratégias que podem compor um processo avaliativo, Masetto (1999, p. 18) afirma que é muito diferente passar informações sobre certa área do conhecimento e cobrar isso numa prova, daquilo que se espera hoje de um profissional, considerado não como o que desenvolve somente o domínio técnico, mas sim o que desenvolve soluções. Para formar esse profissional, é fundamental favorecer o relacionamento do aluno com a matéria, para que ele possa melhor compreendê-la, de modo que o conhecimento construído possa ser devolvido ao professor durante o processo avaliativo. Foram notadas algumas observações

importantes nos depoimentos sobre a aprendizagem nesse programa de aprendizagem:

“Uma das aulas que mais gostei foi a palestra com o guia internacional, em que aprendi que a profissão exercida por ele exige muito mais do que eu pensava. [...] Aprendi também sobre a importância do comportamento do guia, não só na palestra, mas no filme que assistimos, que também foi muito interessante”. (Aluno 09)

“A prática na disciplina de roteiros é a melhor forma de esclarecer detalhes importantes na elaboração de uma viagem.” (Aluno 25)

“Aprendi que tudo que mexe com pessoas é sempre muito mais complicado do que parece. Que não podemos nos preocupar com o circuito em si, mas com todos os outros fatores que são importantes, até os climáticos”. (Aluno 34)

“Com as aulas de roteiros na teoria foi possível aprender um pouco sobre como montar um roteiro, como trabalhar com grupos, cálculos de comissão da agência, como planejar atividades num roteiro, o que aplicar para cada tipo de grupo, por exemplo que o que será feito com a terceira idade não deverá ser aplicado para um grupo de adolescentes. Além dos detalhes, o que não pode esquecer na hora de montar um pacote e ao executá-lo”. (Aluno 33)

“Com a viagem para a Serra Gaúcha conseguimos ter a exata noção de que nem tudo o que é planejado é colocado em prática, ou por falta de tempo ou por desânimo do grupo, enfim, embora seis meses seja pouco para se aprender tudo sobre roteiros, é possível ter uma noção”. (Aluno 08)

Percebe-se, através de um depoimento, que ainda existe uma forte resistência à mudanças de atitude. Acostumados a receber e a seguir instruções pormenorizadas do professor para a execução das tarefas, a possibilidade de trabalhar com autonomia e responsabilidade, não foi do agrado desse aluno:

“Acredito que muitas aulas foram perdidas com a viagem elaborada e desta forma quem não pôde participar acabou saindo no prejuízo”. (Aluno 06)

Por outro lado, a responsabilidade da elaboração do roteiro escrito em forma de guia turístico, era justamente dos que não puderam participar da vivência, como forma de participar do processo de aprendizagem. Essa contribuição alerta para a necessidade de vigilância constante sobre a produção dos alunos, de modo que reflita que ele faz parte do processo mesmo não podendo participar pessoalmente da vivência. Alguns alunos não puderam participar da vivência em função de trabalho e estágios (pois tinham expediente nos finais de semana e feriados) e também por falta de recursos financeiros.

De forma geral, pode-se notar que o processo avaliativo foi bem aceito pelos alunos como forma de assumir a responsabilidade pela própria aprendizagem através da busca do conhecimento e da integração com os colegas.

“Nossa viagem técnica ao Rio Grande do Sul foi muito importante para o nosso aprendizado, nós vivenciamos na realidade o que havíamos visto em sala de aula. Cada etapa da viagem foi planejada por um grupo de alunos, fazendo com que dessa forma nós pudessemos aprender o que é necessário para a organização de uma viagem. O destino também foi muito interessante, pois o Rio Grande do Sul apresenta traços riquíssimos de cultura e de paisagens exuberantes, fatores importantes quando se refere ao turismo. Toda a turma participou dessa viagem, o que contribui muito para nossa interação.” (Aluno 29)

“Planejar um roteiro de viagem para mim e para meus colegas de turma foi uma experiência muito enriquecedora. Levantar todos os custos, entrar em contato com hotéis, restaurantes e outras empresas fez com que aprendêssemos todos os processos para se montar um roteiro com precisão. O que foi aprendido nas aulas de Produtos e Roteiros foi de fundamental importância para o sucesso da viagem, pois foi nela que conhecemos todos os detalhes indispensáveis para planejamento de qualquer viagem. Conseguimos integrar várias disciplinas aprendidas no curso e pudemos vivenciar na prática o quanto o turismo é interdisciplinar, que uma área não consegue trabalhar bem sem a outra.” (Aluno 21)

“A viagem realizada para a Serra Gaúcha orientada pela professora Ana Paula, foi de grande importância para nossa formação acadêmica; pois na viagem reforçamos conceitos que anteriormente já havíamos debatidos em sala de aula, na disciplina de Produtos e Roteiros Turísticos. Tivemos a oportunidade de compreender conceitos teóricos em suas aplicações práticas”. (Aluno 16)

Verifica-se que alunos e docentes atentos às mudanças respondem de forma criativa e inovadora aos desafios. Estimular o aluno a fazer a ligação entre a teoria e a prática por meio da análise crítica de sua realidade, instigar a produção própria para conduzir à autonomia e praticar a pesquisa como forma de buscar o saber são procedimentos que contribuem para alicerçar o aprender a aprender, pois “mais do que obter conhecimento disponível, trata-se de habilitar a pessoa a manejá-lo e produzi-lo” (DEMO, 1996, p.30).

No desenvolvimento dessa proposta, percebe-se que a busca do conhecimento deverá preparar o aluno para exercer sua cidadania, ultrapassando as limitações impostas pela vida social e avançando rumo à formação para um ser humano integral. No trabalho e na vida, os indivíduos não são chamados a responder questões isoladas referentes aos conhecimentos adquiridos e sim a solucionar problemas e tomar decisões cujas implicações repercutem de forma

ampla sobre o conjunto da sociedade. Preparar o aluno para atuar, na realidade, implica em oferecer uma formação que desenvolva processos integrados de reflexão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O profissional de turismo, necessita estar preparado para enfrentar o mercado de trabalho que se apresenta cada vez mais competitivo. A experiência com este trabalho de pesquisa demonstra a possibilidade de uma prática pedagógica inovadora no Programa de Aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos.

Nesse contexto, em resposta à problemática levantada, os objetivos norteadores propostos para essa investigação, foram alcançados.

Observa-se que o objetivo geral: “desenvolver uma proposta metodológica inovadora e criativa que responda aos desafios da ação docente na aliança teoria-prática que leve à produção do conhecimento no programa de aprendizagem Produtos e Roteiros Turísticos” foi atingido em função de demonstrar possibilidades de aprendizagem num programa de natureza prática, onde a bibliografia sobre o assunto é praticamente inexistente.

Com relação aos objetivos específicos, pelo que foi possível observar, no aspecto relativo a “investigar sobre a docência universitária”, os resultados foram bastante positivos, mas percebe-se que o papel da formação pedagógica para os docentes do curso de Turismo ainda é muito importante. A análise dos paradigmas da educação foram necessários para contribuir com os pressupostos teóricos adequados e perceber que são grandes as dificuldades de um profissional se tornar um professor universitário, pois a ação docente requer capacidade e segurança para a inovação, e deve centrar-se em capacitar o aluno a aprender a pensar, expressar-se claramente, a resolver problemas e tomar decisões.

Quanto ao objetivo “aplicar uma proposta metodológica que busque a aliança teoria e prática na produção do conhecimento”, pode-se afirmar que com a utilização dessa proposta, o aluno evita a memorização em época de provas, tem a possibilidade de aplicar conceitos teóricos e ainda tem ganhos em termos de interação pessoal, através do desenvolvimento de atitudes de cooperação, troca de experiências e mesmo de amizade entre os alunos, que persistem após a realização dos trabalhos.

Com relação ao objetivo de “relatar a contribuição dos sujeitos envolvidos sobre a metodologia”, pode-se dizer que experiência vivenciada é necessária para a produção de conhecimento próprio. Percebe-se que as contribuições dos alunos quando relatam a vivência, são resultados de uma visualização de que é possível

aprender fora do ambiente de sala de aula, desde que esteja ciente de suas responsabilidades e que tenha orientação para a produção desse conhecimento.

Nesse sentido, é importante verificar que a experiência de alunos em turismo em viagens, é necessária para a formação de um profissional qualificado. Observa-se que a formação profissional em turismo realiza-se em pleno contexto das mudanças globais, e que o aluno precisa conhecer os procedimentos técnicos que uma viagem demanda, saber indicar os melhores destinos, o meio de transporte mais adequado, ter uma visão de mundo que possa auxiliar tanto no atendimento a clientes como nas funções de um planejador turístico. O conhecimento é fundamental para o ser humano em geral e para sua vida profissional em particular. Conforme afirma Trigo (1998, p. 201):

É evidente que os novos profissionais precisam do “pacote” pronto que inclui “sólida cultura geral, língua estrangeira, informática, conhecimentos específicos, dinamismo e criatividade”. Isso tudo é importante para ganhar dinheiro e sobreviver em um mundo instável, mas as pessoas esquecem de dois pontos muito relevantes:

1. além do trabalho, o ser humano tem outros aspectos em sua vida e precisa também se preparar para eles, seja pelo esporte, pela religião, pela convivência social, pelas viagens ou pelos *hobbies*;
2. há uma diferença entre pretender saber o que é bom para nossos alunos e convencê-los a fazer o que pensamos ser fundamental para seu futuro.

Quando o desafio educacional se relaciona ao sistema de turismo, convém lembrar que a atividade turística, no setor de serviços, requer elevados índices de especialização, além de uma crescente modernização, já que enfrenta um mercado em expansão cada vez mais exigente. Isso necessariamente implicará estímulo à eficácia e à produtividade dos profissionais que atuam nesse setor. Tanto o melhoramento da qualidade dos serviços oferecidos quanto o aumento da produtividade dependem de uma melhor qualificação da mão-de-obra por meio da formação e capacitação dos recursos humanos.

Por tratar-se de um setor fundamentalmente prestador de serviços, o turismo caracteriza-se, como é natural, por ser uma atividade intensiva de mão-de-obra, pois requer recursos humanos de inúmeras especializações, inclusive de áreas de menor nível de escolaridade. Nesse sentido, a formação do bacharel em turismo com uma visão humanística e global, é necessária para que se compreenda o meio social, onde está inserido e que tenha possibilidade de se tomar decisões em um mundo diversificado e independente.

É necessário que a ação pedagógica se estruture de forma sistêmica e metódica, a fim de fazer interagir os diversos segmentos que compõe o modelo turístico vigente, em especial a formação dos profissionais do setor, e aumentar o nível de confiabilidade e credibilidade dos cursos de turismo para que as empresas prestadoras de serviço na área se sintam mais seguras para alocar profissionais egressos desses cursos.

A educação em turismo evoluiu em sua curta história acadêmica, mas ainda enfrenta alguns problemas epistemológicos a serem resolvidos. Para diminuir essa lacuna, as Universidades, poderiam conduzir nos cursos de Turismo áreas para pesquisa tanto de alunos, como para professores, permitindo dedicação à pesquisa científica e assim antecipar as futuras tendências do turismo.

Os cursos de turismo devem proporcionar aos alunos a informação e a crítica das várias propostas de interpretação e estudo da realidade. A pesquisa científica, as ações técnicas e políticas decorrentes da atuação profissional, e a responsabilidade social, não podem ficar fora dos objetivos do curso, sob pena de se mergulhar em uma proposta tecnicista e alienada.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Isaura Cristina de Andrade. **Uma nova organização universitária para uma nova prática pedagógica**. Dissertação de Mestrado da PUCPR. Curitiba, 2006.
- ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ed. Ática, 2002.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **Histórias das Viagens e do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papyrus, 1997. (Coleção Turismo)
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **A prática pedagógica e o paradigma emergente**. Curitiba: Champagnat, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Docência Universitária na Sociedade do Conhecimento**. Curitiba: Champagnat, 2003.
- \_\_\_\_\_. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Paradigma da complexidade: metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- BERMÚDEZ, José Maria Orte. **Conocimientos sobre el mundo del turismo**. Lleida: Milênio, 1997.
- BOGDAN, Robert e BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO. C.R. (Org). **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1995.
- BRANDÃO, Dênis M. S.; CREMA, Roberto. **O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística**. São Paulo: Summus, 1991.
- BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. Rio de Janeiro: UNESP, 1994.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **A canção da inteireza – uma visão holística da educação**. São Paulo: Summus, 1995.

CASTELLI, Geraldo. **Turismo**: atividade marcante. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COOPER, Christopher P.; SHEPHERD, Rebecca; WESTLAKE, John. **Educando os educadores em turismo**: manual de educação em turismo e hospitalidade. São Paulo: Roca, 2001.

DE LA TORRE, O. **El turismo – fenómeno social**. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir – Relatório da UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Pesquisa e Interdisciplinaridade no ensino superior**: uma experiência no curso de Turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

DEWEY, John. O sentido do projecto. In: LEITE, MALPIQUE & SANTOS. **Trabalho de projecto** - Leitura comentada. Porto: Afrontamento, 1993.

FETIZON, Beatriz A. M. **A profissão docente e a ética profissional**. Semana da Educação. FEUSP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRITOLI, Cleonice. Secretária do Departamento de Turismo da UFPR. Entrevista concedida por correio eletrônico em 11/07/2007.

GABARDO, Roberly Robert. **O ensinar para compreender**: uma proposta didática para repensar o processo de aprendizagem no ciclo I da rede municipal do ensino de Curitiba. Dissertação de Mestrado da PUCPR. Curitiba, 2007.

GARDNER, Howard. **Estruturas da mente**: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

GATE – GLOBAL ALIANCE FOR TRANSFORMING EDUCATION. **Educacion 2000**: uma perspectiva holística. Grafton: Vermont, 1991.

GIROLLA, Marina Mirlis Baader. **A reconstrução do projeto pedagógico na escola pública**: caminho para a conquista do professor transformador. Dissertação de Mestrado da PUCPR. Curitiba, 2002.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

KHUN, Thomas. **A estrutura das revoluções científicas**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 3 ed. São Paulo, Loyola, 1986.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MASETTO, Marcos. **Docência na universidade**. Campinas: Papirus, 1998.

MATIAS, Marlene. **Turismo**: formação e profissionalização. São Paulo: Manole, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares para Cursos de Bacharelado em Turismo**. Brasília: MEC, 2002.

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: Papirus, 1997.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico**: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. São Paulo: Atlas, 2001.

PAESE, Rosângela Meger. **Um paradigma inovador na prática pedagógica do professor de periodontia**. Dissertação de Mestrado da PUCPR. Curitiba, 2000.

REJOWSKI, Mirian. **Turismo e pesquisa científica**: pensamento internacional x situação brasileira. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **Turismo e pesquisa científica**: pensamento internacional x situação brasileira. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Educação e Questões da Atualidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1985.

THEOBALD, William et alli. **Global Tourism**. The next decade. Oxford: BH, 1997.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **Turismo e qualidade: tendências contemporâneas**. Campinas: Papirus, 1998.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

URRY, John. **O olhar do turista**. Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Sesc / Studio Nobel, 1999.

WAHAB, Salah-Eldin Abdel. **Introdução à administração do turismo**. São Paulo: Pioneira, 1977.

WITHEY, Lynne. **Grand Tours and Cook's Tours**. A history of leisure travel, 1750 to 1915. New York, Morrow, 1997.

WITIUK, Ladi Tâmara Benda. **O paradigma emergente na prática pedagógica: a busca da otimização da produção do conhecimento em filosofia**. Dissertação de Mestrado da PUCPR. Curitiba, 1999.

## **APÊNDICES**

### **APÊNDICE A – PROGRAMA DE APRENDIZAGEM**

1. IDENTIFICAÇÃO: Pontifícia Universidade Católica do Paraná

1.1 Campus: Curitiba

1.2 Centro de Ciências Jurídicas e Sociais

1.3 Curso: Turismo

1.4 Programa de Aprendizagem: Produtos e Roteiros Turísticos

Período: 7.º

1.5 Carga Horária Total: 72h

Número de Créditos: 04

1.6 Carga Horária Semanal: 04h

1.7 Professora Responsável: Ana Paula Lacerda Garcia

2. APTIDÕES, COMPETÊNCIAS, HABILIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS PELOS ALUNOS:

Reconhecer as formas do turismo e sua tipologia para a perfeita adequação dos Roteiros Turísticos.

Identificar as motivações que influenciam as escolhas dos destinos turísticos.

Perceber a influência da sazonalidade como fator de importância na adequação oferta-demanda.

Selecionar recursos naturais e culturais que serão aproveitados na elaboração dos Roteiros Turísticos.

Adequar os elementos a compor um Roteiro Turístico, tanto em termos de recursos a explorar, como os relativos à estrutura turística.

Vivenciar uma experiência de atividade prática através de uma visita técnica a um destino turístico.

Elaborar Roteiros Turísticos Locais, Regionais, Nacionais e Internacionais.

3. EMENTA:

Análise da importância da elaboração de roteiros turísticos no contexto do planejamento do turismo, posicionando-os como elementos de ordenação e utilização da oferta turística e de atrativos, diversificadores de destinações turísticas reorientadores da sazonalidade e dos fluxos turísticos. Salientar o caráter de atuação nas dimensões espacial e temporal do fenômeno turístico e suas múltiplas relações, concretização e inserção de novas modalidades e atrativos.

4. TEMAS DE ESTUDO:

Turismo e Roteiros Turísticos.

Roteiros Turísticos – Planejamento, fatores e influências.

Aspecto espacial dos Roteiros Turísticos.

Terminologia e elementos inerentes aos Roteiros Turísticos.

A importância do guia de turismo.

Modalidades de Roteiros Turísticos.

Elaboração e estruturação de Roteiros Turísticos Locais, Regionais, Nacionais e Internacionais.

Roteiros Turísticos Locais, Regionais, Nacionais, Internacionais, Continentais e Internacionais Intercontinentais.

## 5. METODOLOGIA:

As metodologias utilizadas neste programa de aprendizagem incluem:

Aulas expositivas dialogadas;

Leitura crítica e reflexiva de textos;

Atividades de trabalhos individuais e em grupos, com produção de textos e relatórios;

Palestras, e atividades práticas como vivências em visitas técnicas.

RECURSOS: Quadro de giz, retro-projetor, laboratórios de informática e salas de projeção com aparelhos de multimídia.

## 6. AVALIAÇÃO PROCESSUAL

Prova escrita

Presença, pontualidade e participação ativa nas aulas.

Trabalhos individuais e em grupos.

Produção, apresentação e discussão de roteiros propostos.

Resultado das visitas técnicas através de relatórios, fotos e filmagens.

## 7. BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ACERENZA, M. A. **Administración del Turismo: conceptualización y organización**. México: Trilhas, 1988.

ACERENZA, Miguel A. **Agencias de viajes – organización e operación**. México: Trillas, 1999.

ANSARAH, Marília. **Turismo, Como aprender, como ensinar**. Volume II. Editora Senac, 2001.

BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Prottexto, 2004.

BENI, Mário Carlos. **Análise Estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2003.

GOMEZ, Carmen. **Producción y venta de servicios turísticos en agencias de viajes**. Madri: Sínteses, 1996.

PETROCCHI, Mário. **Agências de turismo. Planejamento e gestão**. São Paulo: Futura, 2003.

TOMELIN, Carlos Alberto. **Mercado de agência de viagens e turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.

WAHAB, Salah. **A Introdução a Administração do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1971.

## **APÊNDICE B – CONTRATO DIDÁTICO**

### **Programa de Aprendizagem: Produtos e Roteiros Turísticos**

#### **Ementa:**

Análise da importância da elaboração de roteiros turísticos no contexto do planejamento do turismo, posicionando-os como elementos de ordenação e utilização da oferta turística e de atrativos, diversificadores de destinos turísticos reorientadores da sazonalidade e dos fluxos turísticos. Salientar o caráter de atuação nas dimensões espacial e temporal do fenômeno turístico e suas múltiplas relações, concretização e inserção de novas modalidades e atrativos.

#### **Competências:**

Reconhecer as formas do turismo e sua tipologia para a perfeita adequação dos Roteiros Turísticos.

Identificar as motivações que influenciam as escolhas dos destinos turísticos.

Perceber a influência da sazonalidade como fator de importância na adequação oferta-demanda.

Selecionar recursos naturais e culturais que serão aproveitados na elaboração dos Roteiros Turísticos.

Adequar os elementos a compor um Roteiro Turístico, tanto em termos de recursos a explorar, como os relativos à estrutura turística.

Vivenciar uma experiência de atividade prática através de uma visita técnica a um destino turístico.

Elaborar Roteiros Turísticos Locais, Regionais, Nacionais e Internacionais.

## **Programação de aulas:**

Primeira semana: Apresentação e discussão da proposta da disciplina por meio do programa e do contrato didático. Discussão dos procedimentos pedagógicos e da avaliação. Atividade: elaboração de um roteiro escrito com o percurso entre o local de moradia e a sala de aula que se encontra. Discussão sobre as dificuldades encontradas para a elaboração do exercício.

Segunda semana: Apresentação da proposta da visita técnica, escolha da data e local da visitação. (Procura-se eleger um feriado para a aplicação da viagem e a escolha é feita através de sugestões dos alunos, escolhe-se três destinos que serão votados por todos, o vencedor é o destino com mais votos da turma).

Terceira semana: Aula expositiva dialogada sobre a evolução histórica dos roteiros turísticos. Proposta de trabalho em duplas sobre rotas mundiais consagradas.

Quarta semana: Apresentação do texto sobre roteiros locais. Leitura e comentário crítico. Produção individual de um exercício com exemplos de *city tour* e classificação. Produção coletiva de roteiros temáticos locais a pé pelo centro de Curitiba.

Quinta semana: Apresentação das equipes com as sugestões para a atividade prática de roteiro local. Votação e aplicação da prática com todos os alunos.

Sexta semana: Discussão reflexiva sobre a atividade prática. Apresentação dos orçamentos para a visita técnica do feriado e divisão das equipes.

Sétima semana: Aula expositiva dialogada sobre elementos da oferta turística e a importância na elaboração de roteiros. Leitura do texto: Roteiros Turísticos: fatores e influências. Discussão reflexiva sobre a importância do planejamento turístico na elaboração de roteiros.

Oitava semana: Apresentação da proposta de trabalhos temáticos sobre os estados brasileiros. Divisão das equipes, escolha dos estados e explicação sobre o trabalho escrito e apresentação oral.

Nona semana: Exposição teórica sobre a importância do guia de turismo. Leitura de textos, legislação vigente e apresentação de vídeos sobre o assunto.

Décima semana: Palestra com o guia de turismo internacional, Clóvis Bittar. (utilização de sala de projeção), avaliação da palestra através de relatório individual.

Décima primeira semana: aula expositiva sobre o cálculo do preço de venda de um pacote turístico. Explicação dos custos individuais e coletivos, exemplos e exercícios de cálculos.

Décima segunda semana: Apresentação dos trabalhos sobre os roteiros turísticos pelos estados (utilização de sala de projeção). Discussão sobre as dificuldades enfrentadas durante a realização do trabalho.

Décima terceira semana: Avaliação individual e devolutiva aos alunos.

Décima quarta semana: Aula no laboratório de informática para a apresentação do programa disponibilizado na internet sobre de cálculos de distâncias. Exercícios propostos de distâncias, quilometragem e tempo percorrido.

Décima quinta semana: Aulas disponibilizadas para a preparação da visita técnica.

Décima sexta semana: discussão crítica sobre a vivência e confecção de relatórios.

Décima sétima semana: Aula expositiva dialogada sobre os elementos para a elaboração de um roteiro internacional. Exemplos de roteiros internacionais através de material promocional de agências de viagens.

Décima oitava semana: Utilização de laboratório de informática para demonstração de guias turísticos disponibilizados na *internet* e *sites* de cálculos de distâncias

internacionais. Estudo de caso: discussão sobre roteiros da Operadora de Turismo Queensberry.

Décima nona semana: Demonstração do vídeo organizado pelos alunos da visita técnica e apresentação do trabalho sobre destinos exóticos. Escolha do país de acordo com a lista apresentada pela professora e itens obrigatórios do trabalho.

Vigésima semana: Apresentação dos trabalhos de destinos exóticos em sala de projeção

Vigésima primeira semana: Devolutiva aos alunos sobre a avaliação por *portfólios* e encerramento da disciplina com a avaliação dos alunos sobre a metodologia aplicada durante o semestre.

**Avaliação por *portfólio*:**

Prova escrita

Presença, pontualidade e participação ativa nas aulas.

Trabalhos individuais e em grupos.

Produção, apresentação e discussão de roteiros propostos.

Resultado das visitas técnicas através de relatórios, fotos e filmagens.

